

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO, AVALIAÇÃO E PRODUÇÃO PEDAGÓGICA EM SAÚDE -
EDUCASAÚDE
RESIDÊNCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL COLETIVA

**ENTRE ATOS, ENSAIOS E AÇÕES (em um diário):
TEATRALIDADES DE UM PERCURSO EM SAÚDE MENTAL COLETIVA**

Gabriela Zuchetto

Porto Alegre, Janeiro 2016.

Gabriela Zuchetto

**Entre atos, ensaios e ações (em um diário):
Teatralidades de um percurso em Saúde Mental Coletiva**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para conclusão da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Noal Gai

Porto Alegre

2016

RESUMO

Temos buscado um teatro-intervenção na vida, nas condições de autonomia, coletividade e cuidado. Teatralidade que coloque em cena também o problema da ocupação dos espaços, que possa desnaturalizar fluxos e provocar uma saúde mental da e na cidade. Este trabalho está apresentado em dois atos. O primeiro apresentado na forma de um diário, contendo relatos, fragmentos e reflexões referentes, principalmente, a estas três experiências: residente e cuidadora-artista do grupo Nau da Liberdade; encontros com o Hotel da Loucura; e estágio eletivo com Consultório e arte na rua de Belém. Além dessas experiências e as reflexões suscitadas entre arte, clínica e política, o diário está atravessado por reflexões próprias do processo de escrita e criação deste trabalho, como ‘qual é mesmo o objeto de pesquisa’, ‘a que se presta este trabalho?’. Roland Barthes e Albert Camus são referências inspiradoras para o método e forma da escrita, de diários ora apresentando fragmentos maiores, ora menores, ora descrevendo cenas, ora lançando questões e lampejos de ideias. Também serão referenciados autores brasileiros que escrevem sobre o tema: arte, clínica e saúde mental e que trabalham com teatro. No segundo ato deste trabalho serão apresentados dois textos que farão a costura entre os autores principais lidos para aprofundar os conceitos e reflexões descobertos a partir deste parangolé, esta vestimenta costurada originalmente a partir dos retalhos vivenciados, e que só tem função em movimento.

PALAVRAS-CHAVE

Diários; Atos; Teatralidades; Saúde mental coletiva;

*A vida é imprevisível e o tempo todo tem que se reinventar. A vida aponta improvisações e você tem que continuar vivo. Nesse sentido, a vida é teatralização (...) O teatro acaba sendo uma resposta, acaba sendo a continuação, a possibilidade. Quando se fala em reinventar, penso no lado de dar continuidade à vida.
(Julio Adrião, Quando a vida é teatralização em A teatralidade do Humano, p.93)*

*A maior riqueza
do homem
é sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
— eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.*

(Retrato do artista quando coisa, de Manoel de Barros)

AVISOS E UM CONVITE AOS LEITORES NAVEGANTES

Gostaria de começar cantando: “Teatro é espaço e relação (2x)/ Ajusta o gesto a palavra, ajusta a palavra ao gesto/ Espelho primeiro, espelho humano que faz enxergar a reflexão/ A representação”. Essa é uma cantiga que aprendi quando participei de vivências dionisíacas entre o teatro e a loucura, no Instituto Nise da Silveira, que fica no Rio de Janeiro, onde estive por duas vezes em 2014 e retornei em setembro de 2015.

Primeira lição do dia: “Ocupem o espaço, preenchendo-o, andando, fixem o olhar em algum ponto”. O andar e o olhar do ator são intencionais, busca-se uma vivacidade de uma disposição energética que vem do centro, do abdômen. Respiração diafragmática, exercitada insistentemente. Projeção da voz, uma voz que não sai da garganta, não se grita, e ainda assim uma multidão pode escutar. O corpo se movimenta, nem rígido, nem flácido demais. A busca por presença e por um corpo criativo, flexível, atento. Esses são fragmentos de memória das primeiras aulas de teatro em Cachoeira do Sul, iniciadas em 1998, aos meus 11 anos de idade.

Após muitos encontros, desencontros e escolhas, quando ingresso no programa de residência multiprofissional em saúde mental coletiva do EducaSaúde/UFRGS pude me deparar com um processo de trabalho possível entre o teatro e a profissão que escolhi- psicóloga, e hoje trabalhadora em saúde mental, que por alguns momentos deixa inclusive em suspenso a identidade psi. Pude vivenciar em um dos cenários de prática no meu primeiro ano de residência um trabalho que se dá entre o cuidado e arte, entre o teatro e a desinstitucionalização. Não há como não desejar contar-lhes sobre isso – o encontro de agora, que é também um reencontro com algo que se faz presente desde minha infância.

Este cenário de práticas chamava-se Desinstitucionalização – Teatro Nau da Liberdade, um grupo que realiza oficinas de teatro dentro do Hospital Psiquiátrico São Pedro e que atua desde 2013. Digo chamava-se, no passado, porque no ano de 2015 a cortina deste cenário de práticas se fechou, devido às movimentações políticas ocorridas recentemente na política estadual de saúde mental no RS, que tem operado mudanças significativas na lógica de trabalho com desinstitucionalização. Alguns fragmentos dessa história também serão contados.

Na vivência enquanto cuidadora-artista com o grupo Nau da Liberdade, encontrei inúmeras situações em que a potência de saúde e de forma mais ampliada – como prevê uma saúde mental coletiva - a potência de vida, estava para além ou até mesmo fora do produto originado de um processo artístico, aquele que é apresentado ao público, no caso do teatro, a cena que sobe ao palco, ou a performance, o cantarolar e a poética apresentada pelos atores em

qualquer outro espaço. Podemos dizer que há uma história para ser contada de um e de muitos teatros que acontecem nos “bastidores”.

Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido, que em seu método colocava o próprio público em cena, dizia que “todo mundo atua, age, interpreta. Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar, até mesmo dentro dos teatros” (1998, capa).

Ana Lucia Pardo, nos diz que há uma “...teatralidade revelada, por exemplo, por camelôs, que criam personagens para vender seus produtos; meninos de rua que apresentam números circenses, palhaços de porta de loja; prostitutas; travestis e inúmeros outros anônimos performáticos encontrados no cotidiano das cidades”. (2011).

A experiência com o grupo Nau da Liberdade abriu caminhos para o encontro com o Hotel da Loucura que fica no Instituto Nise da Silveira no Rio de Janeiro (antigo Hospital Psiquiátrico Pedro I), pois tivemos dois momentos de intercâmbio com um grupo de teatro que acontece lá, Teatro de Dyonises. Após, estive lá para o evento OcupaNise que acontece anualmente e reúne grupos e pessoas de muitos locais do Brasil, trabalhadores, artistas, estudantes e usuários. E foi nesse encontro que abriu-se caminhos para que eu realizasse um estágio eletivo em Belém do Pará, vivenciando o trabalho do Consultório na Rua que envolve intervenções da arte da palhaçaria, do teatro e de outras expressividades da arte na rua, f(atos) que constam em diário a ser encenado adiante neste texto.

Este trabalho será apresentado em dois atos¹: Ato I e Ato II. O primeiro será apresentado na forma de um diário, contendo relatos, fragmentos e reflexões referentes, principalmente, a estas três experiências: residente e cuidadora-artista do grupo Nau da Liberdade; encontros com o Hotel da Loucura; e estágio eletivo com Consultório e arte na rua de Belém. Além dessas experiências e as reflexões suscitadas entre arte, clínica e política, o diário está atravessado por reflexões próprias do processo de escrita e criação deste trabalho, como ‘qual é mesmo o objeto de pesquisa’, ‘a que se presta este trabalho?’

Roland Barthes, filósofo francês, com *Incidentes* (2004), e *Cadernos da Viagem à China* (2012), e Albert Camus, com seus cadernos *Esperança do Mundo (1935-37)* e *A guerra começou, onde está a guerra? (1939-42)* são referências inspiradoras para o método e forma da escrita, de diários ora apresentando fragmentos maiores, ora menores, ora descrevendo cenas, ora lançando questões e lampejos de ideias.

¹ O ato é uma divisão nas peças teatrais que produz uma interrupção, da mesma forma como um livro pode ser dividido em capítulos. Cada ato de uma peça é composto de várias cenas.

No segundo ato deste trabalho serão apresentados dois textos que farão a costura entre os autores principais lidos para aprofundar os conceitos e reflexões descobertos a partir deste parangolé², esta vestimenta costurada originalmente a partir dos retalhos vivenciados, e que só tem função em movimento. Além de Roland Barthes e Albert Camus, serão referenciados autores brasileiros que escrevem sobre o tema: arte, clínica e saúde mental e que trabalham com teatro.

Neste trabalho pretendemos criar um corpo teórico-reflexivo, através de uma escrita prazerosa, para a vivência em saúde com arte, mesmo com todo o impalpável que a arte convoca. Perseguir um estilo incomum de escrita possível para narrar as vivências, pensar a respeito de uma postura ética, clínica e política que se faz pano de fundo nessas ações de cuidado e arte, no sentido de uma arte que contribua para uma saúde mental da e na cidade.

Feitos os avisos, fica o convite para que o leitor possa navegar por estas páginas como melhor lhe aprouver.

² Os parangolés são criações do artista brasileiro Hélio Oiticica, feitos a partir de sua relação com escolas de samba e periferias no Rio de Janeiro. São vestimentas que carregam os elementos carnavalescos e fazem parte de uma arte contemporânea que coloca o público como participante da obra.

ATO I

Personagens

Equilibristas

Navegantes

Cuidadoras (es)

Narizes Vermelhos

Coletes Azuis

Cariocas

Cancioneiros

Brincantes

Da Peça O Resgate: dois Pescadores, Cantora dos Ventos, dois Cantores de Ópera, Fantasma, Bruxa, três Sereias, Relator do diário de bordo, Taberneira, Conde, Peixe-boi, quatro Anjos, Zenaide (espírito da moça que banhava-se nas calhas do hospital psiquiátrico) , Marinheiro,

NAU DA LIBERDADE

ENQUANTO CENÁRIO DE PRÁTICA NA RIS

Abril de 2014, inicia o primeiro ano de residência em saúde mental coletiva no EducaSaúde. Após algumas errâncias pelas cidades (Porto Alegre e região metropolitana), a escolha dos primeiros cenários de prática. Um dos cenários foi de fato uma escolha sem nenhum tipo de receio: Desinstitucionalização/ Grupo de Teatro Nau da Liberdade!

A possibilidade de experienciar um trabalho por essência artístico como aposta na desinstitucionalização, brilhava aos olhos, vibrava o corpo e pulsava intenso ao coração. Ainda assim, logo no primeiro dia lá, no início desta escrita, sentia certo espanto e receio com as incertezas do caminho. Receio pelo encontro com o novo que na verdade poderia ser muito familiar? Era a resistência pulsante de ter que iniciar uma jornada de trabalho dentro do hospital psiquiátrico? Sentia medo. Não sabia-se de quê.

9 de abril de 2014

Eis o primeiro dia no Hospital Psiquiátrico para um ensaio com o grupo de teatro, adentrando neste novo local de trabalho.

Sala de ensaio: chega-se nela através de uma escadinha e um portão onde lê-se: Centro de Materiais Esterilizados. Logo após um pátio com cores e desgastes de abandono, folhas secas deixam o lugar um tanto nostálgico. Adiante chega-se a uma porta onde há uma escadaria em ruínas e uma maca de ferro antiga. À direita, uma ampla sala, colchonetes e muitas pessoas no chão: a cara de uma oficina teatral!

O assunto em pauta: uma agenda recheada de apresentações do grupo em diversos eventos. Alguém diz: ‘para apresentar a cena, precisa ensaio, precisa presença, precisa alguma precisão’.

Escutei diversas vezes nesta manhã: ‘academia de la follia’ e ‘quando os italianos estavam aqui’, e pude colher aos poucos a história do grupo, a memória das origens desta Nau estava sendo resgatada na voz de alguns atores.³

³ O grupo Nau da Liberdade teve início no ano de 2013, quando vieram para um intercâmbio artístico, os italianos da Accademia de la Follia (o registro deste momento encontra-se no filme Arte da Loucura, de Mirela Kruehl e Karine Emerich).

10 de abril de 2014

No encontro para ensaiar havia tensão. A respeito de precisar de precisão. Sentados em roda os atores eram cobrados e cobravam também a coordenação/direção⁴. Sobre presença, horários e figurinos. Entraram em cheque os seguintes conflitos: papel de cada um x coletividade, necessidade de criar x necessidade de ensaiar. Criar significa abrir possibilidades enquanto ensaiar significa repetir, e no caso do teatro, ensaio significa repetir muitas vezes.

Sobre a necessidade de criar, percebo que ela pulsa entre alguns dos atores. São textos e músicas trazidas, desejo de colocar histórias e novos personagens em cena. Mas para cumprir com a agenda, era necessário repetir, e alguns cortes foram feitos.

Alguns meses mais tarde fiquei sabendo que a concepção da temática da peça foi invocada por um dos atores, morador de um Serviço Residencial Terapêutico (SRT). Através de um jogo com os colchonetes, do centro, este ator “resgatava” atores que estavam nas extremidades. E assim surgiu, “O Resgate”, a peça produto final apresentada, que vem se modificando, pois sempre que possível se dava espaço para as novas criações, e tanto novas cenas quanto uma versão *pocket* da peça surgiram. Tive a impressão de se tratar de um processo teatral bastante vivo, em processo.

Tenho pensado o quanto o artista parece interessar-se mais pelo processo criativo do que pelo produto, a obra acabada é como uma morte, de euforia efêmera.

26 de abril de 2014

Estreia dos anjos em cena e primeira viagem com a Nau: o que tem dentro da mala?

Estreamos no Mental Tchê, evento de saúde mental em São Lourenço do Sul; eu e dois dos outros residentes. Foi extasiante acompanhar o processo de bastidores pré-entrada em palco. Havia ansiedade na espera dentro do camarim, porque a hora marcada para entrar no palco atrasou. Um dos atores, devidamente vestido e maquiado, apontava para o relógio e sentia-se visivelmente irritado, exclamava: *ôôô!*

⁴ Sobre a formação do grupo: todos são atores, alguns “moram” em unidades do hospital psiquiátrico, outros em residenciais terapêuticos, outros ainda vivem com suas famílias. E há uma equipe de quatro mulheres, que além de atrizes organizam o grupo: três delas formadas em artes dirigem o espetáculo e cuidam do figurinha; uma delas coordena o grupo representando o projeto desinstitucionalização e outra delas é cuidadora. Quando o grupo viaja costumam acompanhar duas outras cuidadoras, devido a cuidados básicos que alguns dos atores necessitam, e as tarefas são partilhadas. E junto dessa trupe, em 2014, eu, com mais três residentes, nos juntamos à navegação, como atores e cuidadores e/ou cuidadores.

Enfim, somos avisados de que o espetáculo já vai começar, mas uma atriz decide que não vai entrar em cena e sai para a rua, outro ator decide não colocar determinado figurino. Algumas negociações são feitas, e por fim todos assumem seus papéis no palco. Mas não teve negociação possível com um ator que não queria tirar os sapatos, mesmo que todo o grupo estivesse descalço e ele mesmo já tivesse se apresentado assim, entrou com os pés cobertos, diferente do restante do grupo.

Em uma das cenas um dos atores inesperadamente faz flexões, mesmo sem nunca ter ensaiado desta forma. A cena em questão chama-se Roda dos Guerreiros: todos atores formam um círculo e juntos realizam movimentos de agachar, levantar os braços, reproduzir sons e garras de felinos, grunhidos, pegar em arco e flecha, preparando-se para um embate. Há coletividade e espelhamento. Intensidade que produz reações de comoção no público.

A trupe carrega para as viagens uma mala, contendo camisas listradas de marinheiro, chapéu de bruxa, capa e chapéu de conde, cartolas e ternos de cantores de ópera, vestido branco de um fantasma, saias brilhosas que vestem sereias, uma grande rede de pesca, e no meio de tantas fantasias também tem fraldas descartáveis. O objeto inesperado surpreende, mas demonstra a possibilidade do que pareceria impossível: corpos incomuns, que precisam de auxílio em suas necessidades básicas e vivem há muitos anos em uma instituição total, viajam e estão atuando em palcos e ruas.

6 de maio de 2014

Sobre tanto faz ser psicóloga

Um ponto interessante sobre o qual pensei e tomei nota: esta foi a primeira vez que cheguei em um local para trabalhar com saúde mental e minha formação não foi pré requisito para eu estar lá. Na chegada ninguém questionou-me sobre ‘o que eu sou’ enquanto identidade profissional. Isso de fato não importava. Mas não devo negar que me causou um estranhamento do qual só pude me apropriar posteriormente.

Uma coisa é estar no discurso a ideia da inter ou transdisciplinariedade, de borrar os núcleos para compor algo coletivo no campo da saúde mental. Outra coisa é sentir isso pela primeira vez no corpo. A sensação era de certa forma perder o chão, um pouco da identidade se diluindo em um vazio imenso. Sensação de estar suspensa. Me joguei na experimentação pura, despida de meu eu psicóloga, processo que foi se dando ao longo dos dias... quem sabe eu poderia ser muitas coisas?

Mais ou menos três meses após estar no grupo ouvi de uma da Fantasma – também uma das diretoras de cena, ‘qual é mesmo a tua formação? Eu esqueci’. Respondi convicta de que sou

psicóloga, mas que eu também andava me esquecendo. A propósito, sobre definir papéis, quando cheguei ouvi rumores de um possível papel de anjo que poderíamos ocupar.

Maio de 2014

Neste ano - 2014 - é quando chegam residentes para atuar no grupo enquanto cenário de práticas de duas formações em saúde mental coletiva (na UFRGS e na Escola de Saúde Pública – ESP). Mas afinal, qual o papel de residentes neste lugar? A pergunta pulsava e retornava diversas vezes. Uma das propostas para se “residir” neste cenário foi a criação de personagens Anjos: personagens-entidades que oras apareceriam em cena, oras não.

Os anjos seriam como auxiliares em cena, criando vínculos e jogando com alguns dos atores para ajudá-los a colocar figurinos e se agregarem aos movimentos coletivos que ocorriam em cena (como por exemplo a cena da jangada: em que todos seguram um longo tecido azul formando a imagem da proa de um barco).

Às vezes a aposta recaía na ideia de que ajudaríamos na adequação dos atores aos movimentos previamente ensaiados, mas isso não era possível e logo nos dávamos por conta que nem era desejado que fosse. Mas sim, tentávamos acompanhar a transição destes sujeitos entre papéis e mundos possíveis, e incentivar uma experiência de coletividade, não enquanto unidade, mas enquanto multiplicidade (por um compromisso com o *múltiplo*, presente em autores trabalhados aqui: Deleuze, Pelbart, Galli).

Um devir anjo, coloca Pelbart (1993), diferente de ser anjo mesmo - imortal, eterno e assexuado - por um instante de eternidade fugaz, e pela possibilidade de existirem modos de voo e de asas plurais. Peter relembra os anjos do filme *Asas do Desejo*, que, invisíveis pelas ruas de Berlim, tocam nos ombros de humanos já em desesperança e os fazem sentir uma perturbação estranha, uma espécie de cintilância de vida. Assim como os terapeutas, que com sua escuta, toque e presença discreta podem provocar um novo começo, mas não podem viver no lugar de. “Mas os anjos não são deuses. Eles não podem tudo. Por exemplo, não podem estancar a queda de um suicida do alto de um arranha-céu. Não podem dar trabalho a um desempregado” (p. 19, 1993). Somente sendo humano para entrar em contato com o devir anjo.

18 de maio de 2014

Eis que nesta semana, recebemos visitas especiais, esperadas e desejadas: o grupo de teatro de DyoNises, vindo do espaço chamado Hotel da Loucura, situado no antigo Hospital Psiquiátrico do Rio de Janeiro. Celebramos juntos o dia da Luta Antimanicomial em festejo, roda e teatralidade no centro de Porto Alegre.

Tem sido dias intensos de trocas e intercâmbio entre os dois grupos de teatro, temos feito vivências e oficinas compartilhadas, sobre formas de fazer teatro (o grupo do RJ tem investido no teatro em roda e feito em espaços públicos, enquanto aqui no RS temos produzido um teatro para ser apresentado de frente para a plateia, geralmente em palcos); compartilhamos modos de lutar em favor da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial.

Pela primeira vez nós, residentes, fizemos um trabalho mais independente, facilitando uma oficina de teatro no Instituto Psiquiátrico Forense (IPF), chamada *Desinstituto Psiquiátrico em cena*. A oficina foi itinerante pelos arredores dos pátios da instituição, cada jogo acontecendo em um espaço, agregando novos participantes durante o processo.

Durante essa semana intensa aconteceu a seguinte conversa:

Moço no IPF: A senhora é psiquiatra?

Gabriela: Não.

Moço no IPF: Deus queira que nunca seja!

20 de maio de 2014

Bastante difícil conviver com este peso de disputa política da forma como tem se dado lá dentro. Durante um destes dias – na semana em que se comemora o dia da Luta Antimanicomial⁵ - um grupo veste preto e abraça o hospital psiquiátrico em defesa deste, enquanto outro grupo veste colorido e abraça as pessoas, se abraça; pelo cuidado em liberdade.

E tem o peso das histórias impressas ao longo das paredes do velho hospício, paredes que parecem estar prestes a desabar sobre nós em alguns dias em que habitar aquele espaço, mesmo que eventualmente, torna-se insustentável.

14 de Julho de 2014

Hoje a Nau atracou no Rio de Janeiro, desta vez para que o intercâmbio, com aquele mesmo grupo que esteve no RS, acontecesse por lá. Chegamos ao Hotel da Loucura para passar uma semana em oficinas de ações expressivas, oficina musical e dialógica e para realizar uma apresentação junto ao Teatro de Dyonises na beira da praia do Arpoador; além de fazermos passeios pela cidade.

Andando pelos pátios do antigo hospital, vemos muitos gatos pretos. Lembro de Nise e suas ideias de animais como coterapeutas, especialmente os gatos. De muitos modos e formas, o

⁵ O dia da luta antimanicomial – 18 de maio – faz referência ao encontro nacional de trabalhadores da saúde mental, ocorrido em 1987, na cidade Baurú/SP, de onde surgiu o Movimento Nacional de Luta Antimanicomial. (site do movimento: <http://movimentonacionaldelutaantimanicomial.blogspot.com.br/>).

espírito de Nise da Silveira paira no ar, nas memórias que a convocam a todo momento, seja no Museu de Imagens do Inconsciente, seja no próprio Hotel da Loucura.

No Hotel convivemos todos juntos durante esses dias, precisamos lidar com os desafios da convivência e com as incríveis surpresas que, só estando fora de nosso lar cotidiano, podem aparecer. Precisamos lidar com as contradições do próprio lugar, e com as nossas próprias. O andar de cores e pessoas vibrantes, inundado de afeto e energias coletivas, convive com o andar de cima do mesmo prédio, da enfermaria, do cheiro de manicômio, da catatonia e das cores brancas e cinzas.

Nessa andança, eu e um dos atores adentramos em uma grande sala que agrupa outras pequenas salas que abrigam coletivos diversos de produção artística e ocupação urbana, diversificaÇÕES. Enquanto andamos, um Pescador diz: *aqui é gelado né, afinal é um hospital mesmo...* Respondo que achava o mesmo, *mas que todas aquelas cores davam a sensação de esquentar um pouco.* Tiramos fotos, então, do corpo tatuado de Pescador mesclado às paredes grafitadas e pintadas. Integração. Alguém que circulava pelo hotel e ainda não conhecíamos pergunta que tipo de artista era Pescador, pois tinha uma “pinta de músico”. Senti neste e em tantos outros momentos que lá ocupávamos outros lugares e papéis possíveis.

Mal sabíamos que nesta viagem seria uma das últimas participações dele junto ao grupo Nau da Liberdade. Pouco tempo depois do retorno foi se afastando até que não retornou mais, e ficamos sabendo que estava internado em uma Comunidade Terapêutica, pois havia feito uso de drogas novamente. Tentamos trazê-lo de volta, mas devido às regras da instituição sobre o período de internação fechada, não foi possível.

16 de julho de 2014

Após discussão com o grupo do RJ a respeito dos modos de fazer teatro e dos efeitos das ações no cuidado e no cotidiano, escrevo cenas que fazem sentido sobre nossa teatralidade: a partir dessa experiência teatral da Nau, Cantor de Ópera e Conde solicitam para falar em público frequentemente, mesmo com todas suas dificuldades de linguagem verbal; o processo de decisão da cena e da dramaturgia se deu em oficina a partir da proposta de um dos atores, que hoje não tem conseguido mais navegar com o grupo; nesse processo, uma atriz cria músicas e constrói uma nova personagem para entrar em cena; o teatro se dá em distintos momentos: quando na sala de espera do hotel, o Escritor de Bordo “mata” o Cantor de Ópera, em um jogo representativo e simbólico. Conde encontra um objeto, em um bar próximo ao Hotel e diz que é um rojão, o ascende – simbolicamente - durante toda a noite com todo o ar de suspense; Outro Cantor de Ópera produz discursos que, apesar de longos, contemplam sínteses muito bem

formuladas e representa o grupo onde quer que estejamos; quando estivemos na praia durante a viagem, um dos atores, que praticamente não fala, realiza performances esteticamente muito interessantes, com a areia e com a água, interagindo com esses elementos de forma incomum e não cotidiana; a palavra circula mesmo que as responsabilidades sejam diferentemente distribuídas, nos afirmamos enquanto um grupo.

Todas as pequenas cenas enunciadas foram e são protagonizadas por atores com dificuldades no uso da linguagem, ou com praticamente nula produção verbal, alguns são idosos, possuem dificuldade de locomoção e com exceção de um deles, todos passaram por longa internação psiquiátrica. Dois deles seguem vivendo dentro do Hospital Psiquiátrico.

Outubro de 2014

Chego na sala em que a Nau tem se reunido (em um prédio do Hospital Psiquiátrico) e o clima parecia um tanto melancólico. Cantora dos ventos com a cabeça baixa segurava na mão de um Anjo. Havia silêncio. A Taberneira tinha estampado o desconforto em suas sobancelhas. Dizia: "eu não posso com isso, não posso ver pessoas assim." A Cantora não respondia com o olhar a nenhum chamado e recusava-se a levantar a cabeça. Não reconhecia ninguém. Parecia estar de fato perdendo o chão, tateava para baixo, para frente. Não estava enxergando nada? Sua diabetes estava afetando a visão? Ou estava se passando um processo sintomático de ordem emocional?

Não estávamos entendendo nada. Ainda assim demos início ao ensaio. Numa aposta e proposta do que chamei depois de criação-cuidado, ficamos em círculo, respiramos juntos, primeiro em silêncio. E após um tempo alguém encorajou-a a cantar a música do Vento, convocando que aquela Cantora entrasse em ação com o protagonismo de cena que tem na peça "O Resgate". Para minha surpresa, ela aceita. Começa a cantarolar com a cabeça ainda baixa e a voz também baixinha, até que sua voz vai ganhando espaço e sua cabeça se reerguendo. Depois alguém a conduz para o meio do círculo, fomos nos aproximando numa espécie de dançar, e fomos tocando a Cantora com gestos de carinho, suaves. Taberneira foi uma das pessoas que pôde ofertar e protagonizar esse cuidado àquela que estava antes insuportável aos seus olhos. Os corpos, então, mesclaram-se, a Cantora sorriu e já não estava mais tão difícil enxergar. Sem nenhuma combinação verbal, o grupo conduziu essa estratégia de cuidado com uma das atrizes.

Dezembro de 2014

Águas que levo comigo e águas que me levam

Preciso falar sobre/com/na Água. É na fluidez da vida, que tal qual um rio se renova a cada momento, onde queremos que estejam vinculadas as práticas em saúde. Saúde cada vez menos caracterizada enquanto uma entidade ou dimensão fragmentada e sim enquanto processos de vida, individuais e coletivos, múltiplos, mesmo na, aparentemente, “menor” das ações. Vida enquanto potência criativa, que não se detenha em simplesmente reproduzir padrões e modos de viver.

Porque assim como o fogo, o ar e a terra, a água compõe e dá força á cena da Nau, e compõe nosso universo simbólico e nossa conexão com a natureza. Porque água é sentimento. E de tanto sentimento acho que por alguns momentos me sentia em perigo de afogamento.

Chuva. Correnteza. Calhas quebradas. Banho debaixo da calha no hospital psiquiátrico. Memórias. Maré alta, maré baixa, mar revolto, mar sereno. Tempestade, chuva de verão, oceano, gota d’água. *Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar* (música Timoneiro, de Paulinho da Viola). Eis que a esta canção o próprio grupo Nau da Liberdade responde, em uma das canções entoada em cena: *Onda do mar, não vamos naufragar... onda do mar, onda do mar, vamos navegar!*

Setembro de 2014

Retorno ao Rio de Janeiro, ao mesmo hotel, para participar pela primeira vez do OcupaNise, evento que tanto desejava estar desde 2012, quando descobri sua existência. O nome faz alusão a Nise da Silveira, médica psiquiátrica que esteve atuando no Rio de Janeiro nos anos 1940 e 1950. Nise estabeleceu com os sujeitos que tratava os ateliês de arte e oficinas de criatividade, de onde saíram obras que resultaram no Museu de Imagens do Inconsciente, aberto até hoje para visitaçãõ. Nise foi considerada uma psiquiatra rebelde, pois negou-se a dar eletrochoques já no seu período inicial de trabalho com psiquiatria, num período em que a prática era corrente, considerada uma grande descoberta terapêutica, e não haviam ainda pronunciações contrárias.

O OcupaNise consiste em uma ocupação do espaço do velho hospital, por sete dias, em que se produz discussões e principalmente práticas de cuidado com arte. Reúnem-se estudantes, artistas, trabalhadores da saúde e usuários.

1 de setembro de 2014

Notas da viagem

Aero Porto = o porto que deixa as pessoas seguras na conexão entre as itinerâncias aéreas, controlando seus voos. Para melhor aproveitar a passagem por este ambiente climatizado, artificializado, não deixe de levar seu *tablet!*

Ainda havia tempo até o próximo subir ao céu, andando passei por uma portinha, onde me parecia mais agradável de estar, logo fui interpelada:

-Você precisa de alguma ajuda?

-Não

-Você está esperando alguém?

-Não, só vim até aqui para pegar um ar.

-Mas aqui é uma área restrita, você precisa sair.

-Está bem, mas eu queria fumar um cigarro.

-Aí você vai ter que sair do aeroporto, fazer toda a volta por lá e talvez tenha que fazer tudo de novo, *chekin*, coisa e tal...

-Hmm, então eu vou ficar ali dentro mesmo. (raiva!)

Ainda tinha um bom tempo até que pegasse o próximo voo, estava tudo tão organizado naquele espaço e tempo para que tudo corresse bem, que me fez sentir presa. Senti que a empresa zelava pelo meu bem-estar e conforto, e para que nada desse errado naquela conexão. Senti-me excessivamente tutelada.

Vou andando, impedida de fumar meu cigarro, sem eira nem beira. Encontro com uma banca de livros e jornais! Paro em frente à vitrine por um tempo. Tem livros às pencas, está lotada de conselhos que nos dizem modos de viver mais satisfatoriamente a vida, modos de ter sucesso, de não falhar. Escondido, no meio de tanto manual para vencer na vida, um livro do Gabriel Garcia Márquez possibilita um sorriso, alívio!

7 de setembro de 2014, domingo

Foram alguns dias de cortejo pelas ruas do RJ e dentro do Hospital Psiquiátrico, rodas de conversa e espaços de cuidados diversos. Nas ruas as palavras de (des)ordem eram: Por uma saúde pública e uma arte pública! Isto não é um protesto, é uma proposta!

Estudantes, trabalhadores, artistas e usuários de saúde mental, conviveram e compartilharam seus potenciais criativos, suas loucuras e sanidades nesses dias. Se falou dos hospitais e instituições de saúde que não tratam e não cuidam, das escolas que não educam, da arte que é mercantilizada e não acessível; das inúmeras situações em que é preciso desinstitucionalizar.

A educação popular enquanto ética e base entremeava os diálogos e relações. Uma das canções entoadas: *A roda é o fluxo da história, o movimento da maré (...) Saúde vem da informação/ da ciência do cuidado/ do saber acumulado, seu doutor/ da cultura popular.*

Dias intensos de encontros consigo e com o outro, mergulhos nas próprias loucuras, contato com a exaltação dionisiaca através do teatro em ritual circular e coletivo, e com as próprias burocratizações e encarceramentos. Às vezes é necessário tentar dizer o que se sente num ensaio de fazer poemas:

CRISE E DESCOBERTA

O caos interior

tão indigerível

e necessário

Matéria - prima pra criação -

Chega sem pedir licença

Estraçalha

Pra depois recompor

Com imensidão solar

TEMPORAL

O tempo passa... Passará!

Passou? Nem vi

O tempo fez não sei quê e se redimensionou

Abriram-se espaços abertos ao tempo

Só sei que o que era distante ficou perto

Mas também vice-versa,

Em tão pouco e inesperado tempo.

Só mesmo o tempo de um temporal para me fazer parar e refletir-sentir...

2015, movimentos de escrever e movimentos de resistir

06 de maio de 2015

Aulas para iniciar o TCR, este que talvez alguém esteja lendo. A seguinte pergunta foi lançada: e eu e o meu TCR? Como se perguntasse, a quantas anda esta relação?

Muitos desejos para percorrer nessa pesquisa-escrita-organização do material vivenciado, desejos de dar corpo em escrita para as práticas de expressão artística que percebo produzirem saúde, e as que ainda estou por vivenciar nas viagens que se aproximam... Mas é tanto vivido neste processo de residência, que a sensação é de que a qualquer momento posso escolher escrever sobre outro tema. Mas este possível outro tema não se concretiza... Tenho tantas perguntas em mente e não sei, quais são as perguntas deste trabalho? Todo trabalho começa com uma pergunta?

29 de abril de 2015

Hoje ocorreu uma Audiência pública a respeito da política estadual de saúde mental, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Em tempo: no estado foi aprovada uma Lei de Reforma Psiquiátrica Estadual no ano de 1992, anterior a Lei Federal, de 2001. Pois, então, declarações⁶ do novo gestor estremecem esta garantia em lei - declara-se a não manutenção de Serviços Residenciais Terapêuticos e desinvestimento no grupo de teatro Nau da Liberdade. A partir disso, o movimento da Luta Antimanicomial e também atores e atrizes que compõe comissões de saúde mental dos Conselhos de Saúde, bem como usuários e trabalhadores, passaram a reivindicar seus direitos e cobrar respostas da nova coordenação do estado.

Pessoas com cores, barcos de papel e cartazes pintados à mão, reivindicam a continuidade do cuidado em liberdade, o fim dos manicômios e a sustentação da Reforma Psiquiátrica em nosso estado. Outro grupo, pessoas vestem verde e solicitam o investimento no Hospital Psiquiátrico, sob a prerrogativa de *Lá tem tratamento*. O grupo inteiro de pessoas que ocupava o

⁶ Tais declarações e mobilizações decorrentes podem ser encontradas no Jornal Sul21: www.sul21.com.br

grande auditório estava polarizado e dividido em dois, em alguns momentos pareciam duas torcidas de futebol em dia de campeonato.

Antes de abrir a audiência para as falas dos senhores e senhoras que estavam na mesa, ocorre uma cena emblemática. Um grupo de teatro, que costuma apresentar-se nas ruas de Porto Alegre, abriu a audiência ocupando desta vez o palco da Assembleia. Apresentaram trecho do texto *Os dez mandamentos do capital*, a cena colocava em questão o tema das instituições. Enquanto uns vibravam, outros vaiavam coletivamente, praticamente expulsando os atores do palco.

Pois bem, no início das falas dos senhores que compunham a mesa, um deles refere-se ao fato ocorrido e confessa que não aplaudiu a apresentação teatral, justificando-se: *respeito sim manifestações artística, mas aqui não é lugar*. Disse ainda que: *não podemos transformar isso aqui em um palco, precisamos discutir...*

E quem disse que não há discussão na manifestação artística? De onde tiraram a ideia de separar a manifestação artística da política? Me parece, que para alguns senhores e senhoras, demasiadamente sérios em seus ternos e demais formalidades, tudo que envolve o jogo e a representação (como o teatro, por exemplo) não é digno dessa sua seriedade. Pois eu digo que não há nada mais sério do que o brincar, o jogo e a representação, no sentido do investimento emocional e na disponibilidade para um estado brincante de quem coloca-se no jogo ou na representação. Fazer teatro, ou representar tem estreita relação com as mesmas tentativas de simbolização presentes no brincar.

Augusto Boal, no livro em que inaugura sua técnica e teoria do Teatro do Oprimido, “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, lançado em 1991, remonta a história das formas conhecidas de se fazer teatro, e afirma que não é possível dissociar teatro da política, pois políticas são todas as atividades do homem. Propõe um teatro de liberação, em que o espectador entra em ação e pode-se ensaiar uma revolução.

Freud, considerado pai da Psicanálise, em seu artigo “Escritores criativos e devaneios”, de 1908, refere que a criança investe com emoção o mundo imaginativo que cria, o qual leva muito a sério e distingue perfeitamente da realidade; à medida que cresce passa a fantasiar e cria os devaneios, que possibilita a atividade de um escritor criativo e de todas as outras atividades imaginativas e criativas que permeiam a realidade – como o teatro. Neste texto o autor questiona a seriedade dos encargos de uma vida adulta, dizendo que estas são questionáveis se comparadas com a seriedade com que o sujeito se ocupava nas atividades vivenciadas na infância.

Na verdade a Assembleia é um palco, onde a peça encenada cotidianamente por vezes deixa margem de dúvidas sobre sua seriedade. A cena torna-se repetitiva, pois sempre são os

mesmos protagonistas que tem voz; jargões e discursos são repetidos, e a peça torna-se bem menos democrática do que gostaríamos, em uma das chamadas “casa do povo”.

05 de junho de 2015

Cachoeira do Sul

Voltando à terra natal, desta vez para falar a respeito de Teatro e Saúde Pública, para um grupo de estudantes de um curso de graduação em psicologia, a convite dos alunos e uma professora. Além da conversa acadêmica, fui provocada e convidada para falar em uma rádio local sobre saúde mental e desinstitucionalização. Naquele município onde nasci e fui criada até parte da minha adolescência, há um contexto difícil com relação a este tema: muitas casas particulares dadas como asilos para idosos abrigam pessoas em sofrimento de diversas faixas etárias, configurando situação de internação de longa duração e encarceramento.

Estando neste percurso coletivo e compartilhado de formação em saúde mental coletiva, foi possível afirmar com todas as letras que não estamos dispostos a negociar a necessária liberdade das pessoas, o cuidado em liberdade. Possível afirmar a necessidade de um movimento consistente de luta antimanicomial. Indubitáveis os argumentos do porque “tratamentos” em instituições fechadas não funcionam, e ao contrário, adoecem. Afirmei que aquelas casas asilares não podem existir, e dias depois meu nome saiu no jornal em uma nota que classificava minha postura de enfática.

Além disso, o locutor queria saber dados concretos sobre a funcionalidade das novas estratégias de tratamento pós Reforma Psiquiátrica, mas quando iniciei a falar sobre pesquisas no campo da saúde, reconhecidos autores que defendem a Reforma Psiquiátrica, o locutor disse que não dava mais tempo e cortou a programação. Ficou evidente que queria respostas objetivas, concretas e numéricas. Talvez precisemos de mais dados enquanto técnicos e pesquisadores que defendem outras formas de cuidado e lutam contra os manicômios. No entanto, é válido dizer que não argumento que faça dar sequer um passo atrás nessa construção ética, clínica e política.

Feriadão, tempo de respirar. E o contexto desta viagem leva, inevitavelmente, a pensar e repensar nos rumos deste trabalho de conclusão, que carrega o tema da saúde mental e da desinstitucionalização atravessadas pela arte.

Se pensa no tema e fragmentos que compõem este pensamento; nas necessidades de aprofundamento; nos para que, para onde e porquês.

Surgem apontamentos e conversações

Que a arte além de ser, fale da loucura!

Razão, deixa que entrem em cena corpos e discursos desarrazoados!

Que os jalecos brancos, tão límpidos e cheio de certezas se deixem atravessar por jalecos coloridos!⁷

Arte, chega mais perto ainda da Saúde! Sei que não és muito dada às instituições, mas componha com os atores do cuidado, para que nós, seres humanos que defendemos a vida em liberdade, possamos nos aproximar de uma Reforma Psiquiátrica de fato desinstitucionalizante!

Eu e você, Arte, sabemos muito bem que seu papel não se restringe a instrumentalizar práticas terapêuticas, e que você não deve se acomodar no nome bonitinho que inventaram: *arteterapia*. Mas afinal, por que a Arte enquanto campo do conhecimento pode ter lugar no campo da Saúde?

Penso que há uma URGÊNCIA – não aquela que comumente se lê em papéis que encaminham pessoas de uma instituição a outra da saúde mental: Precisa-se de outras formas, que extrapolem o discurso biológico e médico, tão contundente nos dias atuais, de conversar com/falar de/perceber o sofrimento (psíquico) humano. Parece que a Arte pode nos ajudar a extrapolar.

6 de junho de 2015

Cachoeira do Sul

A que deve se prestar um TCR:

- () há algo para ser provado
- () precisa ser útil pra...
- () deve gerar algum tipo de impacto em...
- () reunir as experiências destes dois anos na residência que foram mais transformadoras

A materialidade que marca a conclusão deste percurso residente em saúde mental coletiva se dá em um texto escrito. O processo é longo, complexo e artesanal. Perseguindo reflexões

⁷ Referencia à texto de Vitor Nina, Os jalecos coloridos: (...)Os jalecos brancos não desconfiam, sabem. Não há dúvidas, está tudo claro, forte, limpo. (...) Os jalecos coloridos sabem ficar daquela cor que tem as mãos depois de bater palmas, dos olhos quando avermelham, uns tem cor de pulo de menino, outros cor de lembrança de velhinho... disponível em <<https://blogdatrupe.wordpress.com/2013/09/20/os-jalecos-brancos/>>

sobre o ato de escrever, e na busca de um prazer na escrita e na leitura, se encontra em Roland Barthes, descrita em *O Prazer do Texto* (p.101, 1987), a proposição de porque se escreve. Barthes refere que o ato de escrever não é científico nem normativo, por isso diz que imagina razões pelas quais se escreve, e lista dez. Todas são pertinentes, elejo quatro delas:

2. *porque a escrita descentra a fala, o indivíduo, a pessoa, realiza um trabalho cuja origem é indiscernível;*
5. *para cumprir tarefas ideológicas ou contra-ideológicas;*
8. *para contribuir para fissurar o sistema simbólico de nossa sociedade;*
9. *para produzir sentidos novos, ou seja, forças novas, apoderar-me das coisas de um modo novo, abalar e modificar a subjugação dos sentidos;*

28 de junho de 2015

Reflexões de domingo

Falar de teatro ou de teatralidade é falar do efêmero, instante, presente. Em tempos tão difíceis, em que as mínimas condições de liberdade ficam postas à prova no âmbito das políticas de governo, há espaço e sentido em falar de coisas efêmeras?

Em Ana Lucia Pardo, no livro *A teatralidade do humano* (2011, p. 33), vemos enaltecida a efemeridade presente no fazer teatral, “*nós somos por excelência artistas do presente. É hoje a noite! O tempo, a espera, a semelhança com o outro, tudo vai se dar, portanto, em uma noite. e O contato, a comunicação, o encontro, o diálogo, a identificação, que permeiam todas as nossas relações, tornam-se uma urgência para uma arte tão efêmera, do presente, como o teatro*”.

Em que pesem as necessárias transformações sociais e políticas, o que acontece nesse pequeno espaço do encontro entre os sujeitos, da comunicação, do contato? Sem isto nada mais é possível no campo da transformação tanto social quanto individual, é certo. Alguns diriam que basta resgatar este contato humano e verdadeiro...

12 de agosto de 2015

Porto Alegre

Acordo aos gritos de “*PEGA LADRÃO! ASSALTO!*”, os quais tem sido comuns nos arredores de onde moro. No entanto, hoje ocorreu um engano: ao abrir a janela descubro que um

casal brigava na escadaria, e uma moça que passava compreendeu, desconfiada e erroneamente, que estava ocorrendo um assalto. Vai que os dois corações, ou pelo menos um deles, tenha(m) sido roubado(s)?!



(Imagem retirada de uma página de intervenções urbanas no facebook)

Passado o susto de um possível assalto, e a graça do engano, descrevo uma cena significativa sobre ensaios teatrais e corporais que temos realizado no município de Novo Hamburgo, onde este ano estou no CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil) enquanto cenário de práticas. No caminho para o Centro de Cultura, onde ocorrem as oficinas que chamamos de Ações Expressivas, D. me diz que sente dor nos pés às vezes quando está no banho, pois fica batendo eles no chão, de tão irritada que se sente.

Eu pergunto:

- Mas tu te sente irritada no banho? Geralmente as pessoas relaxam no banho, né?
- É, mas eu fico irritada.
- Ué, tu não gosta de tomar banho?
- (risos) Gosto sim, mas ficam gritando no meu ouvido.
- Quem grita no teu ouvido?
- Algumas vezes .
- Mas como são essas vozes? O que elas te dizem?
- São da minha família, dizem pra eu não tomar banho...

- Mas por que será que elas não querem que tu tome banho?
- Não sei...
- Hmmm
- Olha, o que será que tem naquele prédio? – mostrando-me e apontando para um prédio antigo que parece abandonado.
- Podemos tentar descobrir.

D. caminha pela rua olhando atentamente para o prédio e me diz que gosta de prédios antigos. Seguimos andando. Pergunto um pouco sobre sua casa, D. me diz que mora com sua mãe seu padrasto e dois irmãos em um barraco. Quando questiono me diz que tem um quarto só pra ela e os dois irmãos dividem outro quarto.

No início da oficina, estávamos somente nós duas e propus que iniciássemos no colchonete mexendo com os pés, sem sapatos. Fizemos alongamentos seguidos de automassagem nos pés. (Baseada no relato de dor nos pés por batê-los quando sentia-se irritada no banho, pensei que fazia sentido concentrarmo-nos por um tempo nos nossos pés, buscando uma maior percepção e consciência corporal. Além disso, são os pés que nos conectam com a terra, nos fazem sentir e “ter” chão. A conexão com a terra, que convoca à materialidade da vida...).

D. referia alívio mais uma vez, e após alguns exercícios corporais pediu-me que saíssemos da sala, para a rua. Fomos então, eu, D. e uma outra menina que chegou atrasada, a um outro centro cultural da cidade, onde ocorria uma exposição de obras artísticas em miniatura. D. comentava, apontava para as obras, e na volta mais uma vez observava aquele prédio antigo.

Lembro da primeira vez que vi D., caladinha, ou falando muito baixo. Dizia coisas que a primeira escuta pareciam sem lógica, falava olhando pra baixo. Não demonstrava praticamente nenhum desejo, a não ser por uma banda musical específica. Sentia-se envergonhada, estava há um tempo sem sair de casa. Demorava para conseguir engatar conosco nas danças e inventividades corporais. Neste dia, vi D. se colocando, de cabeça mais erguida, para poder ver os prédios da rua, me pedir coisas, o lanche e um livro no CAPSi, e para andar . D. conseguindo dizer sobre o que vem sentindo, por mais incomum que possa parecer aquilo que se passa com ela, mostrando-se mais em diálogo comigo, com A. e com a vida.

Acabo de lembrar também que no dia em que inauguramos a oficina no Centro de Cultura, realizada por mim e outra colega residente, foi D. quem exclamou, ao chegarmos na grande sala de ensaio: *Aqui é bem melhor, é mais arejado, a gente se sente mais livre.*

As propostas com arte podem efetivar articulações com o campo da cultura, sair dos espaços institucionais da saúde, já que no cuidado em liberdade é preciso que se ande pelos espaços outros da cidade, pulando os muros das instituições da Saúde.

23 de agosto de 2015

Domingo, sol em Porto Alegre. Um calorzinho agradável. Acordo de manhã para escrever. Ou escrevo para acordar? Reescrita. Desapego. Reordenação. Tentativas de sistematização (ainda em aberto).

O trabalho de fato será apresentado, ao menos uma parte dele, em textos datados, ainda não sei se os chamarei de diário.

Eis que o trabalho precisa ser interrompido. Por uma boa causa: preciso ir até um espaço cultural novo onde se expõe obras de artistas da cidade, na Zona Sul da cidade. Mas não vou até lá simplesmente para contemplar o espaço e as obras, vou para assistir a uma apresentação do grupo de teatro Nau da Liberdade. Vou contente, porque pela primeira vez vou assistir a peça “O Resgate”, de fora, como plateia, em um espaço que não é de evento da saúde mental (onde sempre acontecem as apresentações), e sim em um espaço cultural de arte, onde circulam pessoas de fora do circuito saúde/saúde mental.

Nesta mesma tarde haverá um leilão, beneficente, em que o dinheiro das obras será convertido para o grupo, que tem criado estratégias para seguir existindo, “*apesar de você*”⁸⁸ apesar de todo o não investimento da atual gestão estadual em saúde mental no trabalho deste grupo.

Sinto neste momento um intenso cheiro e um colorido de vida e de desinstitucionalização. A arte dos “loucos”, colocada em um espaço de arte. Antes artista do que louco, naquele tempo e espaço. Devir-artista, um papel possível a desempenhar para quem se arrisca na cena enquanto atuante, *apesar de você*, apesar de toda subjetividade apagada pelos muros de anos internado no Hospital Psiquiátrico.

Um dos autores que aparece na cena junto ao grupo Nau da Liberdade está também nesta tarde expondo suas obras de arte, três trabalhos feitos com retalhos de tecido de malha coloridos, e muitos arames. Dois deles formam lindas mandalas e uma forma uma instalação abstrata, de

⁸⁸ Referência à música de Chico Buarque, chamada *Apesar de você*, escrita em 1970, no contexto da ditadura militar no Brasil. Segue trecho: Hoje você é quem manda, falou tá falado, não tem discussão/ A minha gente hoje anda falando de lado, e olhando pro chão, viu (...).

arames retorcidos intercalados a tecidos emaranhados, realmente dignos de estarem compondo uma exposição de arte. No ano passado, pude presenciá-lo em sua casa, um Residencial Terapêutico, tensionando os tecidos sentado ao chão (este artista não consegue caminhar), em uma base que formava um tapete. Hoje, com a ajuda de uma artista, cria obras de arte lindíssimas, que deixaram o público impressionado naquela tarde.

Retorno ao OCUPANISE

*Sem culto à culpa, ocupanise
Engenho de Dentro pra fora!*

*Chegue mais perto ator, atriz
Companheiro, companheira, dia-a-dia
Venha logo, homem deixei de bobagem,
A arte é nossa linguagem de tecer cidadania*

(Dois trechos de algumas das canções entoadas repetidamente durante o encontro)

7 a 14 de setembro de 2015

Durante a semana em que estive imersa lá, em um entardecer olhava para uma fresta de rua que podia ser vista através de grades e me perguntava: que lugar é este que inspira a liberdade e a clausura ao mesmo tempo?! Sinto como se estivesse presa, mas estou onde queria e decidi estar. Que lugar é este com adornos, cores, poesias e logo ali, no andar de cima, paredes e grades cinzas...? Que lugar é este que me fez voltar até lá pela terceira vez, quando minha escolha sempre é de ir a destinos novos e desconhecidos? Este lugar, o chamam de Hotel da Loucura.

Lá, durante sete dias de convivência com atores e atrizes de muitos lugares, vejo olhos marejados, olhos embotados, olhos desistentes, olhos profundos, atravessadores, olhos transbordantes, olhos sábios, olhos ancestrais, olhos animados, olhos da expectativa de quem chega pela primeira vez... E lá todos estes olhos podem se encontrar, se olhar e se re-conhecer, em uma aposta de vivência coletiva, teatral, dialógica e ritual. Foram sete dias de dores e de

amores, alegrias. Cada dia dos quatro primeiros foi dedicado a um dos elementos: Fogo, Terra, Água e Ar.

Havia uma energia densa que provocava pequenos curtos circuitos, os quais se apresentavam em quedas e corpos adoecidos, os quais puderam se regenerar através do cuidado com práticas integrativas, práticas de relação dialógica, afetiva e, portanto, efetiva.

Nos vestimos com cores não cotidianas e cortejamos os espaços do antigo hospital - que se atualiza em sujeitos e relações cronificadas. Cortejamos também as casas, as praças e as feiras aos arredores, convidando a todos os atores para que se juntassem às nossas vivências, que eram construídas cotidianamente. Buscávamos falar com o corpo todo, encontrar o gesto que se ajusta a palavra, teatralizar, cantar e dançar.

7 de setembro de 2015

“Loucura sim, mas tem seu método” – esta é uma das frases emblemáticas de um grupo teatral que produz no hotel. Um dos atores diz logo na abertura do evento: *Onde tem muita loucura, tá faltando teatro...* Em roda fazemos esta abertura oficial do encontro à noite. A partir dessa fala, tantos outros falam e se expressam pela música, tentando compor uma comum ação (comunicação) através de diálogos artísticos, da poesia, da música e da encenação, alimentados pelos diversos ritmos e poéticas do Brasil. Brasileiros e Brasileiras de diversos locais são os que formam esta roda. Educação Popular e Paulo Freire são citados.

A noite termina com toques de tambor e cantigas que colocam todos em dança, corpos que estavam sentindo-se doloridos e enfraquecidos se regeneram, coletivamente.

12 de setembro de 2015

Acordo cedo, sinto sono, mas a vontade de estar com as pessoas prevalece, talvez pela proximidade do final da vivência. Na cozinha acontece um bate papo com café da manhã, entre pessoas diversas.

Um rapaz, que desenha, escreve poemas, faz teatro, e tem percorrido os espaços do hotel há um tempo, me contava nos últimos dias sobre seu interesse por simbologia e pelo significado dos nomes. Quando a menina falante para de falar ele diz, rindo: *às vezes dá pane no sistema*. Diz que sente pânico, porém cada vez menos. Relata então uma cena: estava na praia do Arpoador vendo a encenação de Hamlet (peça de William Shakespeare), porém não conseguia ver a peça, só olhava para cima e tinham muitas vozes em sua cabeça, pensamentos estavam acelerados. *É que o poeta é alguém possuído, por isso escuta muitas vozes* – justifica-se.

De repente, sem que pudesse pensar, alguém o levou para a roda onde acontecia a encenação, e de repente, os cantos e as letras das músicas foram entrando em sua cabeça e começou a cantar, *junto com todo mundo. Aí foi passando, aí foi ficando muito melhor...*

E aí o papo foi percorrendo um certo caminho, relacionado aos processos presentes no Instituto que tem Nise da Silveira como fundadora. Começamos a falar de cultura ancestral compartilhada, fazer junto, em roda, e então adentramos no conceito de Mandala, tão analisado por Jung e Nise. Simbolização coletiva através da arte.

Estágio eletivo em Belém no Pará Consultório na Rua e Trupe da Pro.Cura

Outubro de 2015

Retratos de Belém /PA

Do sul para o norte, aqui alegremente me misturo, assim como também me vejo estrangeira
Estou atravessada pelas cores e luzes, pelas marias, pela fé dos romeiros e não romeiros do Círio
de Nazaré, pela expressividade exposta nas ruas do sagrado e do profano
Tenho encontrado belos e amorosos pares para compartilhar utopias
Visto-me com colete azul junto a um bando, e saímos para as ruas
Visto-me com nariz vermelho junto a outro bando que se mistura àquele, e faz graça e teatro na
praça!
O calor é constante e avassalador; e as cores, vivas!
Muitas paredes da cidade berram por nós, mulheres: *'meu útero é laico', 'lugar de mulher é onde ela
quiser'...*

O som do brega e do carimbó, os sabores e cheiros de jambu, açaí, tucupi, tacacá...
explodem intensamente no mercadão Ver-o-peso (carinhosamente, VEROPA): lá é onde tenho
tomado café, almoçado, trabalhado, bailado, e encontrado pessoas e uma cidade com histórias
incríveis, também tristes, também que falam tanto da história de colonização e opressão em
nosso país, grandes atores e atrizes das ruas.

Atravessando de um extremo ao outro, do sul para o norte, é inevitável vivenciar certo
estrangeirismo, ao mesmo tempo que há uma sensação de familiaridade pelo contato de perto

com a história e a cultura brasileira. Este é um dos sentimentos: tão longe e tão perto. Essa história que se construiu exploratória, que se mostra até hoje num esforço de dominação e morte de determinados universos simbólicos, dos indígenas, dos ribeirinhos, dos negros, quilombolas, das mulheres: esses resistem, sofrem. Muitos deles estão hoje nas ruas, performando formas de ganhar a vida, vendendo de tudo um pouco - ou de tudo por muito pouco, seduzindo os clientes com simpatia e lábia. Outros ganham as ruas entrando de alguma forma no fluxo do comércio das substâncias ilegais que fazem passagem por aqui, pelo rio.

4 de outubro de 2015, domingo

Domingo de sol, estou dentro de um avião, partindo para Belém do Pará. Vou em busca de vivências com saúde e arte, junto a uma trupe de estudantes, trabalhadores, artistas que estudam e fazem saúde com arte; e a uma equipe de Consultório na Rua⁹. Vou em busca de experienciar o estranhamento cultural, um pulo do sul para o norte, vou em busca de...

Estou me aproximando de Belém e sinto um raio de sol que já queima diferente sobre minhas pernas, o céu está azulíssimo, o vejo de uma pequena janela ao lado de um assento na última fileira do avião, onde estou espremida. Estamos a 10414m de altitude e 848 km/h de velocidade.

Pego na mochila um livro de Albert Camus, *Esperança do Mundo* (2014/1962), eis que após duas páginas, ele me diz algo sobre viajar...

O que faz o preço da viagem é o medo. É que em dado momento, tão longe de nosso país, de nossa língua, um medo indefinido toma forma, e um desejo instintivo de voltar ao abrigo de velhos hábitos (...). É por sua cultura que se viaja, se se entende por cultura o exercício de nosso sentido mais íntimo, que é o da eternidade. (...) A viagem, que é como uma ciência maior e mais séria, nos traz de volta.

⁹ Os Consultórios na Rua são serviços formados por equipes que atendem à população em situação de rua, foram instituídos no Brasil a partir da Portaria 122 de 2011, integrando as Ações de Atenção Básica, com enfoque de ações na rua que contemplam Redução de Danos, atendimentos e ações educativas em geral.



(Imagem garrafada da Trupe da Pro.Cura, inspirada nas garrafadas comercializadas em Belém)

5 de outubro de 2015

segunda-feira

Primeiro dia de consultas e andanças com o Consultório na Rua. Logo recebo um colete azul para utilizar assim como todos os outros. Para constar: o consultório existe há um ano, a trupe, digo, equipe é formada por dois técnicos de enfermagem, uma assistente social, um médico, uma psicóloga e três internos do curso de medicina.

Andamos na van até um viaduto onde está vivendo uma família, que foi, nada carinhosamente, apelidada por um outro serviço da cidade de “Buscapé”, já que vieram do interior do estado e estão andando por diversos lugares da capital. Estão vivendo em um casebre feito de lona, papelão e tecido, um casal e três filhas. As duas filhas mais velhas estão “trancadas” na casa, recusam-se a sair de lá. Uma delas grita, parecendo querer nos dar informações sobre sua condição de vida, sobre os motivos de terem saído de seu paradeiro de origem, sobre os planos para dali em diante, diferentes do que dizem seus familiares... A menina mais nova, de 15 anos de idade e bem pequena - assim como sua mãe - toma café continuamente durante nossa visita. Tento contato com ela, porém não olha em meus olhos nem responde aos meus chamados, apenas sorri em um momento, olhando para não sei onde... Quando parece de fato estar me

vendo, não fixa o olhar e diz alguma coisa, em uma língua que desconheço, um som que me parecem grunhidos.

Tento chamá-la para um jogo com meus Malabares (instrumento circense de jogo de equilíbrio que costumo carregar na mochila), no entanto acabo jogando sozinha, e percebo que após minha tentativa de companhia frustrada, a menina me observa.

De lá, partimos com a Van. No caminho para o Centro de Atenção Psicossocial de álcool e outras drogas (CAPSad)¹⁰, conversamos sobre o caso desta família e sobre o caso que iremos conversar com a equipe no CAPS. Experiência de trabalho nova: discussão de casos e planejamento de equipe dentro de uma van em movimento, interessante.

Durante a discussão de caso:

- O usuário está dizendo que se tiver que sair da Unidade de Acolhimento certamente voltará a fazer um uso abusivo de crack nas ruas, ele pede um pouco mais de tempo, já que o benefício que recebe está comprometido em um pagamento de financiamento que fez para sua mãe que estava presa.
- Mas o tempo é de seis meses para todos, se abirmos exceção para um já viu né. Muitos passam por essa angústia antes de sair, mesmo que a grande maioria não chegue a ficar os seis meses de acolhimento, desistem antes.
- Mas ele está nos dizendo claramente o que vai acontecer quando ele sair...
- E tem outra, teve aquela confusão que ele causou na unidade, aquela droga encontrada que provavelmente era dele...

Tenho a sensação de uma pontinha de punição na proposta “terapêutica”, de sair da Unidade devido ao passar do tempo inicialmente estipulado, ou será apenas impressão minha? Fato é que nos atravessamos também por práticas morais e punitivas. Estejamos atentos!

Fim do expediente, na casa de um dos colegas tomamos café e falamos da história da cidade: o círculo de extração (e toda a exploração) da borracha, a ascensão a uma classe nobre, as influências do que veio da Inglaterra, a tentativa de se montar uma Veneza brasileira e a força da *belle époque*..

6 de outubro de 2015

terça-feira

¹⁰ Os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) foram instituídos legalmente no Brasil a partir da portaria 336, de 2002, que define centros de cuidado em saúde mental a partir da Lei 10.216, ou Lei Paulo Delgado, de 2001, que redefine radicalmente o modelo de atenção à saúde mental no país.

Neste dia participamos de uma reunião na secretaria municipal de saúde, com diretores e coordenadores, para que a equipe do consultório na rua falasse sobre seu processo de trabalho. Algumas queixas e reclamações da equipe: os fluxos difíceis com outros setores, o pessoalismo nas relações de trabalho, a falta de protocolos, a falta de inclusão e plano social dos pacientes, os atravessamentos políticos partidários, a necessidade de mais registro: *precisa de um pouco de burocracia!*

Os ânimos estão exaltados, as pautas são importantíssimas, algumas vezes se atravessam-falam ao mesmo tempo. De certa forma a equipe dizia em coro o quanto não suportava mais alguns nós bloqueados e bloqueadores na rede, e pedia soluções. Resposta: Marcar uma reunião com algumas coordenações envolvidas nesse trabalho, depois ampliar para um diálogo com todos. A necessidade de melhorar comunicações (tornar comum as ações), o que é possível e necessário.

Alguns saíram de lá frustrados, outros acreditando que aquilo era o possível no momento. A equipe se reúne para escrever relatórios, e o que acontece é uma sessão descarrego – catarse - desabafo. São tantos os descontentamentos e frustrações.

Um da equipe, após muitas discussões e no auge de sua indignação, produz uma síntese: *“o consultório na rua foi a chave que abriu as portas do inferno. É isso. Trabalhamos com a escória da sociedade.”* Falávamos da presença do consultório na rua ter disparado processos na rede, no sentido de fazer uma certa “forçagem” para ações voltadas a população em situação de rua e dar maior visibilidade a essa. No momento dessa conversa então construí a seguinte frase: *“Consultório na rua é resistência por excelência.”*

7 de outubro de 2015

quarta-feira

Na maior feira da América Latina (Ver-o-peso) de manhã cedinho o sol já estava de rachar. Os olhares e chamados dos feirantes denunciavam minha aparência de turista. Algumas barraquinhas vendem garrafadas, chás e pequenos frascos de perfume que curam todo tipo de males, de problemas respiratórios a dores de amor.

A tarde, com o Consultório na Rua visitamos o CAPS ad onde fizemos reunião de discussão de caso de C., mais conhecido como Palhaço, devido a sua profissão, a qual dedicou-se desde muito cedo. C. nasceu dentro de um circo, desses tradicionais que estão se extinguindo...

Lembro da cidade de Sofrônia, de Ítalo Calvino (1990) em *Cidades Invisíveis*, aquela composta por duas metades, uma é fixa, a outra provisória. De tempos em tempos, se desparafusa uma das cidades, desmontam-se escolas, hospitais, ministérios, refinaria de petróleo...

Permanece a meia Sofrônia, dos tiros ao alvo e dos carrosséis, com o grito suspenso do trenzinho e da montanha russa de ponta cabeça, e começa-se a contar quantos meses, quantos dias se deverão esperar até que a caravana retorne e a vida inteira recomece (p. 28). O palhaço me inspira a lembrar dessa história, de parque de diversão e circos, parece ter muita relação no tanto que a pessoa que vive em situação de rua põe em cheque a própria cidade, as estruturas e instituições.

De lá partimos todos na van, equipe de colete azul, o palhaço, um músico, um cabeleireiro e uma artesã que hoje vivem nas ruas de Belém. Vamos cantando no trajeto, música própria do músico, felizes ao chegar o final do trabalho.

Seguimos em direção ao Baile do Completo (Completo é o nome de um lanche bem barato que as pessoas que dormem nas ruas costumam se alimentar, um sanduiche e um suco). O baile acontece uma vez por semana próximo à feira, toda sexta-feira a noite. Uma bike som – bicicleta com som acoplado, à maneira como se locomovem e se comunicam muitos comerciantes no centro de Belém- embala a noite com músicas de todo estilo e toda época. Em um microfone, abre-se espaço para manifestações. Trabalhadores contam a historia de R. e sua família que veio reencontra-lo em uma longa viagem de Florianópolis até Belém, em viagem feita de carro, após oito anos sem terem contato. O caso aparece como furo de reportagem e manchete de um jornal com estreia prevista para breve, feito sobre a realidade das ruas e com as pessoas que tem vivido nas ruas.

Pessoas vão até o microfone contar suas histórias de vida, demonstram desejo em falar do porque e como morar na rua, neste momento ganham voz e vez, em pleno centro da capital, ao microfone. Os cuidadores (estudantes, trabalhadores, artistas) vestem colorido e buscam o contato, fazem o movimento cuidadoso de abrir a roda até que todos e todas caibam nela, promovem encontros corpóreos criativos, sugerindo danças e encenações improvisadas. Todos juntos riem, em alegria compartilhada

8 de outubro

quinta-feira

HOJE É DIA DE REPÚBLICA DO CUIDADO!

República do cuidado, todas as quintas-feiras pela manhã em uma das praças da cidade. Quem pode ser ator, ser cuidado, (ator)doado, cuid(ator)? Quem quiser! O convite é feito a todos os CAPS da cidade, aos trabalhadores e usuários do consultório na Rua e a quem mais estiver pela rua. Não é atoa que na chamada a este espaço refere-se assim: Tragicomédia Artecientífica Antimanicomial. Uma das frases que escutei: *Tire o manicômio de sua cabeça!*

A existência deste espaço e ação fixa e constante faz retornar uma questão: por que não temos, enquanto atores do campo da saúde mental, o costume mais frequente de forjar encontros entre pessoas de todos os CAPS? Geralmente isso se dá no dia da Luta Antimanicomial ou em outros eventos específicos. E por que não juntar os “loucos” das instituições com os “loucos” das ruas?

Um rapaz dá início aos trabalhos recitando um poema belíssimo e, o chão que pisamos em relação a morada, ninho... logo anuncia que está com uma peça de teatro em mente, está quase pronta, falta colocar no papel, chama-se O marido louco com sua esposa nobre esperando noel pobre. Um dos cuidadores anuncia: vamos logo começar a ensaiar esta peça, você dirige, escolhe quem vai interpretar cada personagem. Vamos fazer-la logo ali, ao lado do maior teatro de Belem.

Descrevo esta manhã: Emerge um diretor, mesmo sem combinação prévia, uma mulher com lindas feições paraenses enrola-se em um manto de lona azul, interpreta a Virgem Maria e fica estonteante. Um rapaz que não sabia bem como agir, pega uma tv antiga e interpreta a pessoa que está filmando a peça. Teatro improvisado, onde mesclam-se atores usuários e atores trabalhadores, acontecem atuações impressionantes a partir do que não estava previsto, flexibilidade e ação.

12 de outubro

segunda-feira

Feriado. Dia das crianças. Dia de cansaço, dia devagar. Debaixo desse sol permanente e intenso, recebo a notícia de que no sul chove permanente e intensamente. Na cidade onde nasci ocorrem enchentes e pessoas já ficam sem suas casas. Minha família está bem, sinto saudades.

16 de outubro

sexta-feira

Reuniões e repetições

De manhã encontro com vários atores da rede de saúde, educação e assistência social de Belém para discussão do tema álcool e outras drogas e internação involuntária.

Percebo que há uma tendência nesse tipo de reunião para o acontecimento de tensões que produzem um mesmo modelo de dramaturgia das reuniões: a gestão tensiona os trabalhadores para que se movam na direção da reinvenção de seu trabalho, dizendo coisas do tipo *‘é simples, dá pra fazer isso, nem precisa de tanta tecnologia...’*; os trabalhadores, por sua vez, tensionam a gestão, dizendo coisas do tipo, *‘tal serviço foi fechado, não há investimento, é muita demanda para atendermos, quem*

vai cuidar do cuidador?'; e há ainda alguns trabalhadores tensionando outros, geralmente os que tem visão de saúde fortemente construída a partir de questões sociais entram sem atrito com àqueles que tem visão de saúde com enfoque bio e epidemiológico (disputa de lógicas e modos de fazer saúde).

As tensões são sempre presentes e bem-vindas. No entanto, percebo que servem em muitos momentos para se justificar, tentar aliviar responsabilidades, no sentido de apontar falhas e culpados, bem como reafirmar verdades e não colocar determinados pontos em análise. Talvez se tente aliviar angústias inerentes ao trabalho com educação, saúde e assistência social. Angústia de se deparar com o sofrimento. Angústia de, a cada encontro, perceber o modo de vida que temos histórica e socialmente construído, e a cada dia, em alguma medida, preservado...

18 de outubro

domingo

Vejo o sol nascer e descubro novas poesias de Drummond. Pego o avião de volta para o sul com a respiração difícil em função da alergia respiratória. Talvez também por estar perdendo um pouco o ar. Difícil e ao mesmo tempo sensação de contentamento em partir tão cheia de amor; o corpo cheio de desejos de seguir nas apostas de trabalho e cuidado que vivenciamos. Seguir na saúde com arte - ou seria de aglutinar as duas em uma só palavra que seria talvez outra (?): na direção de uma produção de saúde que não se desloque de uma nova produção cultural, onde outras tantas vidas e modos de existir sejam possíveis...

Sobre re-ocupar Paradas e espaços com Arte

7 de novembro de 2015

Escrevo muito envolvida com as situações que ocorreram nos últimos dias envolvendo diretamente a saúde mental e a arte. Como se esta escrita fosse uma carta endereçada, escrevo para contar notícias de cá. Esta carta, eu enviaria aos artistas da saúde, da vida e das ruas de Belém, aos brasileiros de todo canto que conheci no OcupaNise no RJ, e às pessoas queridas que mesmo distantes tem demonstrado interesse em compreender mais sobre este assunto.

Hoje tivemos uma manhã muito significativa no antigo Cinema Capitólio, que foi reativado neste ano em Porto Alegre, mantendo muita exuberância em sua arquitetura e decoração. Muitas pessoas diversas se reuniram por lá para um GeraEncontro, evento realizado

por um espaço de Oficina de Geração de Renda daqui. Nesta manhã fomos maravilhados com o lançamento de um novo filme do grupo Nau da Liberdade, o segundo já lançado. Chama-se *Navegantes*¹¹, e pode ser encontrado disponível na internet. O filme acompanha uma das viagens do grupo e mostra os processos de ensaio, maquiagem, bastidores, cuidado e troca entre os atores.

Esta importante estreia, mais uma vez em um espaço de arte e compartilhado com outras produções artísticas de oficinairos e artistas, se dá na mesma semana em que o grupo de teatro, após ser afastado meses atrás da casa que havia sido destinada para ensaios e ampliação de projetos culturais e artísticos, é despejado do seu espaço de ensaio dentro do Hospital Psiquiátrico.

E tem mais, nos últimos dias foi veiculada uma nota em jornal de grande circulação no estado, assinada por entidades médicas, em ataques à Parada do Orgulho Louco. Explico: Esta parada ocorre anualmente no município de Alegrete, em um momento de encontro de usuários da saúde mental, trabalhadores, estudantes e quem mais se identificar com o movimento antimanicomial, para desfilar sua loucura na rua e dialogar sobre o assunto com a sociedade. As entidades, no entanto, acusam os profissionais de negligência, pois *justamente quem deveria zelar estaria expondo o doente mental, vestindo-o de palhaço e levando-o pelas ruas.*

Apesar do retrocesso, e de toda estupidez declarada referente à possibilidade de autonomia daquele que é considerado louco e ao desconhecimento e desrespeito à arte do Palhaço; apesar da perda de espaço e dos ataques diretos às produções e lutas pela autonomia e pelo cuidado em liberdade com arte; a cidade abriu passagem e acolheu os artistas. Parece que os retrocessos nos ensinam a abrir novos caminhos de ação, ao passo em que também nos precisamos manter alertas, pois a necessidade de criar é também a de disputar políticas públicas e modos de cuidado e de gerir a vida.

4 de dezembro de 2015, sexta-feira

Hoje voltando à Assembleia Legislativa, desta vez em uma sala menor, que ficou lotada. Ao invés de uma audiência pública, a proposta de um encontro com Peter Pal Pelbart como convidado e apresentação do Grupo Nau da Liberdade. O diálogo intitulava-se: *Arte, loucura e violência de estado*, nada mais pertinente aos dias que temos vivido e presenciado por aqui. Desta vez não houveram vaias, somente sorrisos, olhares atentos e aplausos dados em pé. Após a

¹¹ DIR: Emiliano Cunha, Lívia Pasqual, Thais Fernandes . 14 min . RS/Brasil . 2015

apresentação, Peter inicia sua fala: *Oxalá que todas as assembleias legislativas deste país fossem invadidas por uma nau da liberdade!*

O convidado ressalta a necessidade que se produzam resistências em forma de criação e não simples reação. Ressalta que experiências artísticas como a da Nau, dá voz a necessidades vitais daqueles que assistem, possibilitando a aliança entre inconscientes que protestam. Aponta para a necessidade de multiplicar e pluralizar, pois há muitos mais modos de existência dos que estamos acostumados a perceber.

Mais uma vez, o aprendizado que vem do movimento de retrocesso. A construção deste espaço de trocas e diálogo (já que o convidado, após poucas palavras, abriu o microfone e muitos atores presentes puderam se expressar), em um ambiente político formal, traz a tona um movimento de resistência através da criação. De qualquer modo, não devemos acomodar, nem quando a maré parece estar calma e os ventos inspirando liberdade...

28 de dezembro de 2015

Passado o feriado de natal, as notícias que se podem ler nas mídias são difíceis, na minha terra e em outras cidades enchentes após período de chuvas, deixam novamente pessoas desabrigadas, discursos de intolerância também não são poucos difundidos nas redes sociais; enquanto pessoas seguem postando fotos de suas exuberantes ceias natalinas, de suas famílias felizes, das piscinas, praias, férias...

Eis que neste meio social da internet encontro a entrevista de um músico que tem sido há um tempo inspirador. O conteúdo da matéria também não é nada fácil: a realidade cotidiana dos jovens mortos nas periferias do Brasil, em sua maioria negros. De frente e ao lado do cenário trágico, em um respiro, Criolo (2015) refere: *A arte é algo muito especial, porque lembra que ainda somos seres vivos. Por isso, a arte é tão cultuada, misteriosa e valorizada. Porque lembra que existe um ser humano que ainda está vivo. Que não viramos totalmente máquina.*

Arte para respirar e sobreviver, arte como uma aposta de vida; arte para expressar, resistir, criar e movimentar.

ATO II

Personagens A(u)tores

Do teatro

Da Reforma Psiquiátrica Brasileira

Da reflexão e da vivência com a loucura

Da interlocução entre arte e saúde mental

RELAÇÃO DA ARTE COM A SAÚDE MENTAL: ALGUMAS PALAVRAS

Este texto compõe-se de trechos que remontam a história da relação da arte com a saúde mental, especialmente no Brasil, e sua presença no processo de Reforma Psiquiátrica. Para começarmos a falar de um possível entrelaçamento arte e loucura, trazemos uma passagem de João Frayze-Pereira (2003), que, em seu texto “Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política”, coloca um panorama bastante complexo e abrangente do trabalho realizado por Nise,

A arte transcende, ou melhor, ignora a diferença entre as frágeis fronteiras da sanidade e da loucura, como ignora a diferença entre primitivos e modernos. Nas composições desses artistas, cujo diagnóstico é frequentemente sem esperança (esquizofrenia incurável), cumprem-se as duas exigências da arte: “ser a destruição da comunicação comum e ser a criação de uma outra comunicação”, isto é, ser a instauração de uma comunicação incomum. (Frayze-Pereira, 2003, p. 197).

É conhecida a ideia de se articular a arte, ou ainda, a criação artística, com a loucura. Segundo Rivera (2005), no século XX iniciaram vanguardas artísticas que valorizavam o “irracional” e a produção espontânea, tais como o dadaísmo e o surrealismo. Tais vanguardas foram contemporâneas à elaboração do inconsciente por Freud, o que reforçava essa tendência de valorização do irracional, segundo Rivera (2005). Partindo desse interesse, os artistas buscavam algumas artes primitivas, pinturas de autores autodidatas, e inclui-se aí a descoberta de pinturas feitas nos hospícios, de autoria dos loucos. A autora relata que em 1922, Prinzhorn, psiquiatra e crítico de arte da Alemanha, publicou diversas pinturas que recolheu nos hospícios em que trabalhou, e produziu uma coleção chamada de *Atividade plástica de doentes mentais*, o que talvez seja o primeiro registro que se tem notícia de trabalhos dessa ordem.

No Brasil, de acordo com Lima e Pelbart (2007), a visibilidade de produções artísticas de sujeitos em sofrimento psíquico começou no Hospital Psiquiátrico do Juquery, quando o psiquiatra, músico e crítico de arte, Osório Cesar, na década de 1920 passou a notar, recolher e catalogar desenhos e escritos de internos, considerados de alto valor estético. Mas é a partir do trabalho de Nise da Silveira, no Hospital de Engenho de Dentro, que, segundo Lima e Pelbart (2007), a relação arte e loucura, em hospitais psiquiátricos, passa a ganhar notoriedade e consistência.

Nise da Silveira (1986) refere que a seguinte frase de Antonin Artaud¹², “*O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos*”, expressou algo que a psiquiatria descritiva não conseguia apreender, que diz respeito não a “sintomas” que corresponderiam a uma doença, e sim a vivências que se manifestam em estados de caos, de perdas de limites, desmembramentos e transformações do ser. Artaud, de acordo com Silveira (1986), conseguiu exprimir em palavras suas percepções a partir da experiência própria. “Os inumeráveis estados do ser”, por sua vez deu nome ao que, de acordo com Cruz(2009)¹³, foi a exposição de maior repercussão do Museu de Imagens do Inconsciente, ocorrida na década de 80, no Rio de Janeiro e posteriormente em Porto Alegre e Belo Horizonte.

O Museu de Imagens do Inconsciente – MII, de acordo com Cruz (2009), foi fundado por Nise da Silveira em 1952. O intuito do museu foi, desde seu início, reunir as obras plásticas produzidas na Seção de terapêutica ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional e também de constituir-se em um centro de estudos e de pesquisas.

Segundo Frayze-Pereira (2003), o trabalho de Nise da Silveira, com as articulações que esta realizava entre a psiquiatria, a psicanálise Junguiana, a filosofia de Spinoza, o pensamento de Artaud e as artes em geral, promove um importante deslocamento. A problemática da loucura passaria do campo da psicopatologia médica para o campo da cultura. De acordo com Frayze-Pereira (2003), ainda que tenha se configurado em um importante centro de estudos sobre a loucura – mais especificamente a esquizofrenia - o museu transcende a essa significação pela sua complexidade simbólica.

Na literatura temos uma importante publicação datada de 1882, do reconhecido escritor Machado de Assis, em que de forma humorística aponta características importantes do processo de institucionalização e da psiquiatria, na figura do famoso médico de uma pequena cidade, Simão Bacamarte. O médico, sempre em nome da ciência e da razão - *demarquem os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia* – diz Simão Bacamarte, ocupa sua vida com este ofício e cria diversas classificações para os prováveis doentes mentais da cidade, até que um quinto da população encontra-se confinada na Casa Verde; depois inverte a nosologia e entende que devem entrar em tratamento aqueles que possuem perfeito equilíbrio de suas faculdades mentais; por fim, entende que ele mesmo, o próprio Simão, é quem deve ficar confinado na Casa.

¹² Antonin Artaud foi roteirista, dramaturgo, escritor e poeta francês. Em 1937 foi tido como louco e após internado em diversos manicômios franceses. Escreveu diversas cartas ao psiquiatra com quem teve contato, e textos que expunham essa sua experiência manicomial.

Ainda no século XIX, podemos localizar também as produções de Qorpo Santo, no Rio Grande do Sul, que manteve-se esquecida, e foi retomada apenas nos anos 1960, 100 anos depois de sua produção, analisa Lima (2010). Qorpo Santo viveu na cidade de Alegrete, produziu extensivamente escritos, poemas e textos tanto para jornais quanto para peças de teatro (dramaturgias), foi submetido a exames mentais, afastado do jornal onde publicava e conheceu o primeiro manicômio brasileiro. Lima(2010) refere que a escrita de Qorpo Santo demonstrava-se precocemente relacionada ao estilo modernista brasileiro, usando-se de fragmentos e linguagem coloquial; que seu teatro tem bastante proximidade com o estilo de Artaud e do teatro do absurdo, as personagens são bastante colocadas em cheque em sua construção psicológica. A produção deste artista-louco remete aos possíveis atos criativos presentes em alguém que vivencia estados clínicos de adoecimento psíquico, ou, *os inumeráveis estados do ser*.

Em Amarante et al. (2012), revelam-se as ações no campo artístico-cultural como cruciais no processo de reforma psiquiátrica brasileira, no final da década de 1980 e durante a década de 1990. Como exemplos, os autores referem o Projeto Tam-Tam, com rádio e tv, em Santos; a TV Pínel de 1996, com o slogan: *mostrar uma nova imagem da loucura* e os Cancioneiros do IPUB, de 1997. Tais ações demarcam um processo de Reforma Psiquiátrica que anda em direção à sociedade, deslocando o lugar da loucura em uma investida para produzir novas relações possíveis entre a sociedade e a loucura.

Amarante et al. (2012) apresentam alguns dos resultados de uma pesquisa realizada em todo o território nacional, que realiza um levantamento de experiências artístico-culturais. Na região sudeste é onde encontra-se o maior número de experiências, seguida da região nordeste do país; Os projetos de arte relacionados a saúde mental se situam tanto em instituições da saúde quanto existem projetos autônomos. O artigo aponta para a necessidade de haverem maiores incentivos e projetos no campo das políticas públicas da Cultura que estejam relacionados à saúde.

DA ARTE PARA TRATAR LOUCOS PARA UMA ARTE DE DESINSTITUCIONALIZAÇÃO

Dadas as devidas e infindáveis aproximações entre arte e loucura, poderíamos facilmente recair apenas em um certo romantismo e simples poética do enlouquecimento. Lima (2010) relata que a partir do século XVII tornou-se comum entre os artistas plásticos o desenho e a pintura de pessoas encarceradas em manicômios. Além da aproximação dos artistas com os diagnosticados ou os institucionalizados loucos, temos visto ao longo dos tempos e até hoje a proposição de

atividades artísticas presentes nas instituições que se ocupam da loucura, geralmente em formato de oficinas. Essas práticas muitas vezes detêm-se à ocupação, à produção repetida, não à potencialização de atos criativos. Um conjunto de autores realizam reflexões acerca de três questões: O que pode o corpo? O que pode a clínica? O que pode a arte?, apontando para sólidas imbricações entre os três pontos, que se desdobram e ampliam, produzindo expansão, multiplicidade e potência criativa em direção à vida. (Fonseca, Engelman orgs, 2004).

É preciso, no campo da saúde mental, caminhar para além do tratamento, para além de uma promessa de cura. Não basta estabelecer ocupações nem terapias eficientes. Abrem-se algumas perguntas: As artes, em especial o teatro ou as artes das expressões corporais, podem contribuir de forma mais contundente do que uma arteterapia? Como lançar um olhar sobre a experiência humana, incluindo a experiência de enlouquecer, que seja coerente com sua complexidade? Nesse enlace possível entre saúde e cultura, como se produz uma reforma cultural da relação da sociedade com a loucura?

Para começar pelos aspectos políticos, resgatamos brevemente a questão da desinstitucionalização e da política de saúde mental em andamento no Brasil. O frio na espinha, a certeza do quão impraticável era e é manter um cotidiano de trabalho e cuidado em um Hospital Psiquiátrico, junto ao imenso estranhamento de uma aparente naturalidade entre os trabalhadores que por lá circulam, não é privilégio meu, nem das pessoas que se unem em um movimento de luta antimanicomial.

Não é de hoje que se faz a leitura de que práticas de encarceramento e isolamento dos sujeitos – e o hospital psiquiátrico/manicômio é um dos símbolos máximos destas práticas – produzem loucura, sofrimento e violência, não “curam” nem “recuperam”. Autores clássicos se debruçaram densamente sobre este tema. Temos como importante referência Michel Foucault, em *A história da loucura*, de 1961. Neste clássico, Foucault estuda o louco através dos tempos, não a partir do indivíduo que enlouquece e sim das instituições que o capturam e prometem tratamento da loucura. Desconstrói em sua construção histórica qualquer possibilidade de perspectiva de tratamento nas chamadas instituições totais, que capturam a vida dos sujeitos, os excluindo da vida em sociedade. Pelbart (1989) lembra que a grande conclusão desta obra é de que o entendimento acerca da loucura é socialmente construído.

Temos desde 2001 a Lei Federal da Reforma Psiquiátrica (Lei 10216), que prevê o fim das instituições totais para atendimento às pessoas com transtorno mental. Como pudemos ver com o andar das vivências e da escrita do diário, o movimento de Luta Antimanicomial não se esgota, e se fortalece em momentos políticos como este no estado do RS. Mas como pode uma política de governo se estruturar em direção oposta há uma legislação vigente em âmbito federal?

Escuta-se frequentemente argumentos em defesa do Hospital Psiquiátrico: a Lei da Reforma Psiquiátrica previa uma revisão frequente; a rede de atenção psicossocial encontra-se fragilmente estabelecida, pois faltam dispositivos e trabalhadores para dar conta da demanda de saúde mental da população. Ainda assim, seriam justificativas para não cumprimento da lei e retrocesso no modelo de “cuidado”?

As possibilidades de desinstitucionalização tanto não se esgotaram quanto houveram e ocorrem decisões que barram este processo, como esta atual, em que há uma decisão por parte da coordenação estadual de fechamento e não investimento nas casas destinadas a residenciais terapêuticos e casa para arte, teatro e cultura. As decisões de investimentos em Comunidades Terapêuticas (que prometem tratar as pessoas com uso problemático de álcool e outras drogas, chamados “dependentes químicos”, em um período de reclusão de nove meses, ou mais), por exemplo, poderiam dar lugar a mais investimentos de cuidado nas ruas e projetos culturais. Não será possível aqui adentrar a fundo nesta discussão, porém há um embate bastante atual no que se refere estes “novos desarrazoados”, digamos assim, as pessoas que apresentam problemas com o uso de álcool e de drogas, pois estas tem ganhado enfoque nas tentativas de captura e de renascimento das práticas manicomiais de isolamento, com o investimento notável nas Comunidades Terapêuticas citadas. Faz contraponto a esta investida aqueles que defendem a Redução de Danos¹⁴ como ética de cuidado.

O campo de uma saúde mental que se afirma como coletiva, problematiza o biologicismo e a centralidade do saber biomédico sobre a Saúde, quando coloca-se enquanto um campo de saber interdisciplinar, com um relevo voltado para a dimensão social da experiência de adoecimento, para uma prática clínica que só tem sentido se também for política.

Outra afirmação recorrente é de que hoje o Hospital Psiquiátrico encontra-se mais humanizado, contempla práticas de arte inclusive (!), atua em equipe multiprofissional, não se aplicam mais intervenções como o eletrochoque e convulsoterapia. No entanto, a lógica de relação e de intervenção segue a mesma, manicomial e tutelar, lógica que, para ser transformada, não depende apenas da saída dos espaços de isolamento, mas também da transformação radical das relações entre cuidadores/trabalhadores e usuários.

Retomando dois importantes protagonistas e defensores da Reforma Psiquiátrica no Brasil: Paulo Amarante (2014) afirma em entrevista recente a defesa de que haja *‘mudança profunda*

¹⁴ A Redução de Danos se coloca como diretriz do Ministério da Saúde para o cuidado com pessoas que tem problemas com álcool e outras drogas, ampliando as perspectivas clínicas focadas na abstinência. É uma direção instrumental do cuidado, que teve origem, no Brasil, em ações de prevenção e cuidado com HIV/AIDS. Para além dos aspectos instrumentais, é principalmente um paradigma, de acordo com Denis Petuco. (www.denispetuco.com.br)

na qualidade da relação com as pessoas que estão em tratamento’, e refere que a reforma psiquiátrica é limitada pois precisamos de uma reforma da cultura, visto que é culturalmente que a sociedade solicita a exclusão do outro. E diz Luciano Elia (2013), ‘aqui uma primeira verificação importante: sem transbordar o campo da saúde, qualquer tipo de invenção/intervenção com a loucura estará destinado ao fracasso. E portanto, uma primeira expressão da potência da atenção psicossocial é que ela não cabe inteira no campo da saúde.’

Sem negar o potencial terapêutico na arte para pessoas que passam ou passaram por sofrimento psíquico, Amarante *et al* (2012), também defendem que a arte na saúde mental extrapole o papel terapêutico, deixando de ser entretenimento para tornar-se criação estética; extrapolando os muros das instituições de saúde para ocupar os espaços da cidade. Apontam, ainda, que a arte produzida por usuários no Brasil tem colocado em cheque conceitos da psiquiatria ligados a pessoas em sofrimento psíquico como, incapacidade, irracionalidade e improdutividade.

As vivências teatrais e de cuidado encenadas no diário se deram principalmente com “loucos” institucionalizados e com “loucos” que vivem nas ruas. Com aqueles fazemos o movimento de pular os muros, em busca de liberdade tentando trilhar caminhos mais em direção à vida do que à cura e tratamento. Com estes se busca o movimento de acessar algumas instituições, como a Saúde, com estratégias como o Consultório na Rua, porém ainda na perspectiva da liberdade, do cuidado para que não se criem novas estratégias políticas de encarceramento para estas pessoas. No movimento de estar atentos para a repetição de práticas morais e punitivas.

Chamo aqui ambos os grupos de “loucos”, porque estão inseridos em um processo de exclusão social, sofrem opressão e violência por um modelo de vida e de sociedade em que não cabem tantos modos de existir. As existências múltiplas e incontáveis, como referiu Peter Pal Pelbart no encontro em Porto Alegre.

DAS NECESSIDADES DO HOMEM

É importante sublinharmos a relevância e impacto das imagens na cultura dos seres humanos. Cruz (2009) ressalta que, desde a pré-história, a imagem foi meio de expressão entre os humanos, ela é anterior à comunicação verbal, é não narrativa, nos faz agir e reagir.

Na fala de um frequentador do ateliê de criatividade que mais tarde daria origem ao Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, este diz *“o mundo das imagens mudei para o*

mundo das imagens mudou a alma para outra coisa as imagens tomam a alma da pessoa” (Silveira, 1992, citando Fernando Diniz). Fernando Diniz pintou uma série de quadros, os quais repercutem estudos até hoje, pode-se notar em seu trabalho claramente a força do pintar e das imagens. A criatividade do ser humano se dá nesse contato com estados pré-verbais, assim como a relação com as imagens há o mimetismo com a realidade, observando a si e o mundo, criando formas de representar a si e ao mundo, isto configuraria a teatralidade, pré-histórica e pré-estética, diz Edelcio Mostaço (s.d.).

Boal (2015) aponta que a música é a mais antiga das artes, pois começa antes do nascimento, quando estamos no útero de nossas mães, é pré-humana e ajuda a organizar o mundo. Todas as artes só podem aparecer quando se desenvolvem os outros sentidos; a partir da visão entramos em contato com as imagens, e é preciso que as artes plásticas possam de algum modo fixá-las. A fotografia e o impressionismo passam a capturar e imobilizar o movimento, enquanto o cinema consegue dominá-lo. Já a dança como expressão corporal usa os sons e o silêncio para uma estruturação visual, traduz o som em imagens, em movimento. As artes cênicas, ou o teatro, pode na cena, se utilizar de todas as outras artes e comumente o faz, em ato, através do corpo daquele que representa.

As origens da ação teatral tem sido há tempos objeto de inúmeros estudos, porém é indubitável sua origem na necessidade do ser humano de jogar, ou seja, da ludicidade e na necessidade, presente no lúdico, de representar, de “ser outro” e de representar a si mesmo, como diz Peixoto (1980). Para tais representações, o uso de máscaras é bastante primitivo e utilizado até hoje. Há na instauração do teatro um ato de cumplicidade, em que aquele que atua coloca e retira a máscara diante daquele que observa, em uma cumplicidade da representação.

Há uma fábula chinesa relatada por Boal (2015), datada de 10 mil anos anteriores ao nascimento de Cristo, segundo a qual foi uma mulher e não um homem quem descobriu o teatro; a fábula de Xuá-Xuá, a fêmea pré-humana. Ela vivia com Li-Peng, um macho dos mais fortes, os dois tocavam-se e sentiam-se com prazer e alegria, sem saber muito bem o que estavam fazendo e sentindo. Não havia ainda a linguagem dos humanos. A descoberta se inicia quando Xuá-Xuá, após seu ventre começar a crescer e inchar, afasta-se para vivenciar e observar a mudança desconhecida. Após a gestação e o nascimento do bebê, Xuá-Xuá o reconhece como uma parte de si mesma, fica fascinada e tem estranhamentos quando esta sua parte cada vez mais desenvolve ações próprias, não obedecendo ao grande corpo da mãe. Tempos depois, após observar de longe, o pai resolve inserir-se na relação e leva o menino para lhe ensinar a caça e a pesca; Xuá-Xuá fica desesperada ao não encontrar mais aquela sua parte, e foi em busca de respostas no exercício de observar mais a si e aos outros. Quando aceitou que aquele que saiu de

seu ventre de fato era outro, foi quando percebeu-se atriz e espectadora, capaz de observar a si e aos outros, de ver-se no outro e vice-versa, descobrindo o teatro e o humano. O teatro é a arte de nos vermos vendo.

Tudo indica, coloca Peixoto (1980), que o surgimento da representação surge totalmente vinculada a rituais religiosos primitivos, em que os homens representavam deuses, os trazendo à realidade material em comemorações coletivas. A partir desses rituais se resolviam ou elaboravam conflitos do ser humano, como a morte. Além disso se encenava situações na ideia de garantir que quando acontecessem verdadeiramente tivessem sucesso, como por exemplo, as caçadas. Os homens *“imitando os próprios homens, buscavam observarem-se a si de fora, talvez utilizando o riso e o deboche como uma forma de a sociedade autocriticar-se (...)”*. (Peixoto, 1980, p. 15).

Apesar desse importante relato, há a versão difundida de que o teatro se origina na Grécia, na verdade quando este torna-se espetáculo, e passa a ser encenada e assistida em palcos/arenas. Era uma arte predominantemente masculina; via-se, por exemplo, nas primeiras encenações das peças de Shakespeare, apenas homens interpretando rainhas e princesas, algumas vezes as mulheres nem podiam ser espectadoras, nas representações das tragédias gregas.

Feita estas ressalvas a respeito das origens da arte do teatro – com suas versões ditas “oficiais”, contadas e protagonizadas pelo homem branco- podemos apontar para uma importante relação entre loucura e teatro na Antiguidade Clássica. A loucura, sem dúvidas, só é enquanto construção social de sentidos. Ao longo dos tempos assume distintos entendimentos e formas de tratamento, é esta a principal colocação da contundente obra de Michel Foucault, “A história da loucura”.

Platão considerava três visões distintas da loucura: místico-religiosa; passional (desequilíbrio entra as vontades e as paixões) e Organicista (descrita pelo desequilíbrio de humores de Hipocrates), retoma Pelbart (1989). Em sua perspectiva mística, a loucura podia assumir uma face Ritual, Dionisiaca, referindo-se ao deus Dionísio, do vinho e do teatro. Tal deus era cultuado em práticas de excesso e exaltação, em que os sujeitos, coletivamente, entravam em estado de euforia; práticas descritas como essencialmente femininas, coletivas e libertadoras.

E essa loucura tornava-se coletiva porque encenava-se em coro (sentimento de coletivo), em bandos que circulavam primeiramente pelas zonas rurais (dionísias rurais) e posteriormente pelas cidades (dionísias urbanas), ou seja, a loucura tinha lugar e voz. Os antigos da Grécia arcaica associavam a loucura ou o delírio à arte divinatória, no termo *maniké*, que significava tanto delirante quando divinatório. O delírio, proveniente de um deus chegava a ser preferível ao bom-senso, de origem humana, lê-se em Pelbart (1989).

Feita uma breve retomada histórica e a conceituação de teatro que ultrapassa o espaço físico e a apresentação de um espetáculo, temos a noção da teatralidade enquanto recurso e necessidade humana. Retomar a prática do teatro e dos jogos teatrais, significa retomar a dimensão da qualidade de observar a si e aos outros, de ser outros e assim descobrir a si mesmo.

Temos buscado um teatro-intervenção na vida, nas condições de autonomia, coletividade e cuidado. Teatralidade que coloque em cena também o problema da ocupação dos espaços, que possa desnaturalizar fluxos e provocar uma saúde mental da e na cidade.

CONSIDERAÇÕES DE UM FINAL POSSÍVEL

É necessário que o texto se encerre, chegue a um ponto final. Ficam muitas aberturas, desejos e perguntas. A sensação, ao chegar neste final, é de um tanto de poeira levantada, contendo grãos que se conectam e outros que aparecem inesperadamente. Poeira enquanto o que se extrai de lugares que estavam há um tempo intactos, inquestionados. Algo que era velho e guardado retorna e se repete, de modo diferente, a produzir algo novo. Nas releituras do texto, a sensação é de que sempre tem algo a merecer maior cuidado, lentidão e olhar mais atento.

Penso que sentir tanta poeira levantada também tem relação com o residir durante dois anos neste processo de formação em Saúde Mental Coletiva. A passagem por quatro cenários, os incansáveis esforços de coletividade e autogestão no processo interno da formação, múltiplos atores para problematizar e discutir. Tantos encontros e desencontros. Reencontros e deslocamentos, e a clínica sempre a se recriar. Muita questão abre-se neste caminho.

Escolho para falar daquilo que colocou meu corpo em movimento junto a outros corpos, através do teatro, descentrando o lugar da fala enquanto instrumento máximo de trabalho (ainda que se tenha falado muito durante os trajetos contados neste diário, conversações até perder de vista, horas adentro).

Percebo que há cuidado e vínculo no teatro, na improvisação, na proposta de um jogo, de um brincar, e algumas pequenas cenas buscam tratar disto. Há a emergência de um movimento de luta antimanicomial se expressando também pelas vias artísticas, tentando resistir mais intensamente devido aos perigos colocados nas práticas e políticas que vem sendo conquistadas, pautadas no cuidado em liberdade.

Busca-se apontar para uma arte que contribua para possibilidades de autonomia e para o encontro das pessoas com a cidade, seja numa arte com cuidado de rua com aqueles que vivem nas ruas, seja na maior ocupação de espaços artísticos, ou num simples passeio com aqueles que moram em instituições ou tem vivido cercados pelos muros de suas próprias casas.

Nesse sentido, o trabalho produz uma espécie de testemunho vivo, resgatando memórias e registros na íntegra, organizados nessa nova roupagem, que podem produzir movimentos e interações ao leitor. Uma escrita que interroga a si e admite incertezas acerca de seu objeto, objetivo e método.

Enquanto escrevo este final, lembro-me de muitos e cada um dos atores e atrizes com quem cruzei e se fazem presentes neste trabalho. Percebo vivamente os olhares que tanto me diziam; os risos de bocas desdentadas; os malucos malandros, os corpos curvados, lentos, cansados, e tão dispostos ao encontro. Lembro-me de uma surpreendente cambalhota. Lembro-

me de dois palhaços que se propunham a assumir esta nova posição no espaço em que viviam há tempo da mesma forma. Lembro de mãos bobas, da necessidade de dar limite, falar a real, agir na maior sinceridade possível. Meu corpo já não é o mesmo. Que este texto possa atravessar corpos que, pelo motivo que for, se proponham a tais encontros, mesmo para aqueles que ainda desconfiam das tantas razões concretas que levam ao enlouquecimento e à exclusão. Que possibilite desinstitucionalizações.

REFERÊNCIAS E INSPIRAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, Paulo et al. **Da arteterapia nos serviços aos projetos culturais na cidade: a expansão dos projetos artístico-culturais da saúde mental no território.** In: Saúde Mental e Arte – Práticas, Saberes e Debates. São Paulo: Zagodoni, 2012.

AMARANTE, Paulo. Amarante: 'È a cultura que faz pessoas demandarem manicômio, exclusão, limitação'. **Revista Radis.** 2014. Disponível em: <<http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/entrevista-e-culturalmente-que-pessoas-demandam-manicomio-exclusao-limitacao-do-outro>>. Acesso em: jul. 2015

BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

_____. **Diários de viagem À China.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.** 6ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores.** São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM N° 122/ 2011 define as diretrizes de organização e funcionamento das Equipes de Consultório na Rua. Diário Oficial da União, 2011; 25 jan.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n° 336/2002 define e estabelece diretrizes para o funcionamento dos Centros de Atenção Psicossocial. Diário Oficial da União, 2002; 19 fev.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMUS, Albert. Cadernos (1935-37). **A esperança do mundo.** São Paulo: Hedra, 2014.

CRIOLO. Criolo: 'Desde que me entendo por gente vão para a favela assassinar jovens'. Carta Capital. 2015. Editora Confiança. Entrevista concedida J.P. Soares. Disponível em:

<http://www.cartacapital.com.br/cultura/criolo-desde-que-me-entendo-por-gente-vaio-para-favela-assassinar-jovens-1875.html>. Acesso em: dez. 2015

CRUZ, E. G.. **O Museu de Imagens do Inconsciente**: das coleções da loucura aos desafios contemporâneos. 2009. 196 p. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2009.

ELIA, Luciano. Centro de Atenção Psicossocial como dispositivo de atenção à crise: em defesa de uma certa (in)felicidade inventiva. Trabalho apresentado no II Colóquio Internacional NUPSI/USP e XI Colóquio de Psicopatologia e Saúde Pública – **Invenções democráticas: construções da felicidade**. Mesa 5 do Colóquio. São Paulo. 2013

FONSECA, Tania M.G.; ENGELMAN, Selda. (orgs.). **Corpo, Arte e Clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRS, 2004

FRAYZE-PEREIRA, J. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados** 17 (49), 2003.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios (1908). In: FREUD, S. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1969.

LIMA, E.M.F.A. **A produção e a recepção dos escritos de Qorpo-Santo**: apostando transformações nas relações entre arte e loucura. *Interface*(Botucatu), jun 2010, v.14, n.33, 2010.

LIMA, E. M. F.; PELBART, P. P. Arte, clínica e loucura: um território em mutação. **Revista História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.3, p.709-735, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702007000300003> Acesso em: out. 2012

MOSTAÇO, Edelcio. **Considerações sobre o conceito de teatralidade**. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/revista_dapesquisa/volume2/numero2/cenicas/Edelcio.pdf> , s.d., Acesso em: out. 2015

PARDO, Ana Lucia. (Org.). **A teatralidade do humano**. São Paulo: Edições SESC SP, 2011.

PEIXOTO, Fernando. **O que é teatro**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

PELBART, Peter Pal. **Da clausura do fora ao fora da clausura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

_____. **A Nau do Tempo Rei**: sete ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RIVERA, T. **Arte e Psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SILVEIRA, Nise. **O Mundo das Imagens**. Rio de Janeiro: Ática, 1992.

SILVEIRA , Nise. **Os inumeráveis estados do ser**. 1986. Disponível em: <
http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/pdf/inumeraveis_estado_ser.pdf>